

Kitty Kurzawa Furstenau

**AS MUDANÇAS SOCIAIS NOS ESPAÇOS URBANOS COM O
USO DA INTERNET: a relação do uso dos espaços urbanos com o
*Facebook***

Dissertação submetido ao Programa de
PGAU da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do
Grau de Mestre em Urbanismo,
História e Arquitetura da Cidade.

Orientador: Prof. Dra.Soraya Nór

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Furstenau, Kitty Kurzawa

AS MUDANÇAS SOCIAIS NOS ESPAÇOS URBANOS COM O USO DA
INTERNET : A relação de uso dos espaços urbanos com o
Facebook / Kitty Kurzawa Furstenau ; orientadora, Soraya
Nór - Florianópolis, SC, 2015.

100 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina. - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo.

Inclui referências

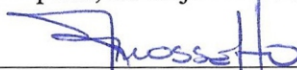
I. Arquitetura e Urbanismo. 2. O uso dos espaços urbanos
e sua relação com o Facebook, inseridos nas mudanças sociais
contemporâneas. I. NóR, Soraya. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo. III. Título.

Kitty Kurzawa Furstenau

**AS MUDANÇAS SOCIAIS NOS ESPAÇOS URBANOS COM O
USO DA INTERNET: a relação do uso dos espaços urbanos com o
*Facebook***

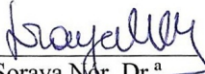
Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pgae da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 25 de junho de 2015.



Prof. Adriana Marques Rosseto Dra.
Coordenador do Curso

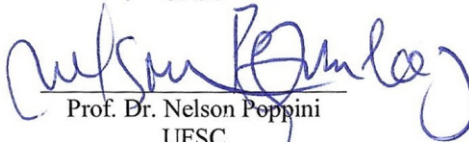
Banca Examinadora:



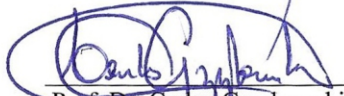
Prof.^a Soraya Ngr. Dr.^a
Orientadora
UFSC



Prof.^a Adriana Marques Rosseto Dr.^a
UFSC



Prof. Dr. Nelson Poppini
UFSC



Prof. Dr. Carlos Grzybowski
Membro externo

Este trabalho é dedicado aos mestres e àqueles que contribuíram em minha caminhada: colegas, professores e Daniel. Dedico este trabalho em especial à minha irmã e amiga, a quem devo, eternamente, uma conquista importante e uma nova etapa vencida. Aos meus filhos Thomas e Katiúscia, agradeço a renovada inspiração no caminho da vida, que me motivam a aventurar por novas vivências e apropriações. Muito obrigada.

“O voo até a Lua não é tão longe, as distâncias maiores que devemos percorrer estão dentro de nós mesmos.”

Charles de Gaulle

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo o estudo dos espaços públicos na cidade contemporânea e sua relação com o uso da *internet*, especificamente o *Facebook*. A pesquisa procura compreender as mudanças do uso dos espaços urbanos e sua relação com as redes sociais na internet, procurando refletir sobre o desejo social de encontros e relacionamentos, e como isto se estabelece nos espaços físicos. Pressupõe-se que o uso dos espaços urbanos, na configuração atual, se estabelece de maneira diferenciada da modernidade, pois a população contemporânea demonstra comportamentos distintos, deste período. Para tanto, estudaram-se conceitos de espaços urbanos, de relações público/privado, de mudanças sociais, sob o escopo da modernidade e da pós-modernidade, e a apropriação dos espaços, bem como, desenvolveu-se um levantamento prático sobre o uso da rede social *Facebook*. Utilizou-se como estratégia de pesquisa o estudo de caso com grupos de ciclistas de Florianópolis. Por meio de apreciação teórica e prática, faz-se análise do comportamento do uso dos espaços urbanos em relação à *internet*. Identificou-se que apesar das novas tecnologias de comunicação e mídias sociais permitirem a redução da necessidade de encontro presencial para a comunicação interpessoal, em relação à atividade dos grupos de ciclistas, a rede social tem potencializado a articulação de encontros, com apropriação e vivência dos espaços urbanos. O desejo e a necessidade de intercâmbio social se mostram vigente nestas novas práticas e os instrumentos como o *Facebook*, indicam o interesse pelos encontros presenciais e práticas de vivência e apropriação urbana, sendo possível identificar novas características e mudanças sociais neste sentido.

Palavras-chave: Espaços públicos 1. *Facebook* 2. Mudanças sociais.

ABSTRACT

This research aims the public spaces study in the contemporary city and its relation with the use of Internet, specifically Facebook. This research seeks to understand the changes of the urban spaces utilization and its relationship with internet social networks, seeking to speculate upon a social desirability of meetings and relationships, and the way it settles on those spaces. It is assumed that the use of urban spaces in the current configuration is established in a different way of modernity, as contemporary population shows different behaviors during this period. Therefore, it was studied urban spaces concepts, public / private relationships, social changes, under the scope of modernity and post modernity, and the appropriation of space as well as attenuated a practical survey of the use of Facebook social network. A case study of cyclists groups from Florianopolis was utilized as research strategy. The use of behavior analysis of urban spaces in relation to internet was made through theoretical and practical assessment. It was identified that despite the new communication technologies and social media enable a reduction of the need to face meeting for interpersonal communication in relation to the activity of cyclists groups, social network has enhanced joint meetings, appropriating the experience of urban spaces. The desire and need for social exchange proves effective in these new practices, and tools such as Facebook indicate interest in the physical meetings and practices of living and urban appropriation, it is possible to identify new features and social change in this regard.

Keywords: Public spaces 1. Facebook 2. Social changes 3.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Imagem 1. Comércio em praça medieval, Séc. XII e XIII..... | 25 |
| Imagem 2. Movimentos sociais dos ciclistas, para mudanças nos projetos urbanos, reivindicando ciclovias. (Foto André Righetto) | 60 |
| Imagem 3. Pedaladas mensais (última sexta do mês) reivindicando ciclovias. (Foto da autora) | 60 |
| Imagem 4. Evento da ‘Bicicletada Floripa’ ocorrido em 14/03/2015, pedindo melhorias no sistema ciclo viário de Florianópolis..... | 61 |
| Imagem 5. Participantes da ‘Bicicletada Floripa’ em 14/03/2015, alguns pedalaram nus, para atrair a atenção ao evento. (Foto Luiz Antônio Peters) | 61 |
| Imagem 6. Praça de Tahrir..... | 65 |
| Imagem 7. Manifestação ocorrida nos movimentos sociais no Brasil, em junho, 2013..... | 66 |
| Imagem 8. Audiência Pública ocorrida em 19 de maio de 2014- ACOJAR. (Foto Luiz Antônio Peters) | 69 |
| Imagem 9. Pedaladas mensais nas reivindicação e apropriação dos espaços públicos. (Foto Daniel Acosta) | 71 |
| Figura 10. 14 de agosto de 2014. Trajeto Trindade- Córrego Grande. (Foto: Júlio Fernandes) | 74 |
| Imagem 11. Roteiro do pedal dia 14 de agosto de 2014..... | 75 |
| Imagem 12. Praça Edson P. do Nascimento – Florianópolis. | 76 |
| Imagem 13. Apropriação dos espaços urbanos pelo grupo ‘Neste morro eu não morro’. Local: Morro da Cruz – Florianópolis, agosto 2014. (Foto de Fabrício Sousa) | 79 |
| Imagem 14. Grupo de pedal ‘Neste morro eu não morro’. Local: Morro da Cruz – Florianópolis - 04/02/2015. (Foto: Felipe de Carvalho Costa) | 80 |
| Imagem 15. Pedal subida no Morro da Cruz. Mirante. (Foto: Felipe de Carvalho Costa). | 80 |
| Imagem 16. Pique nique no Morro da Cruz: Pedal ‘Neste morro não morro’ (Foto: Felipe de Carvalho Costa) | 81 |
| Imagem 17. Roteiro da subida do Morro da Cruz, do grupo de pedal ‘Neste morro eu não morro’, dia 04 de fevereiro de 2015. | 81 |
| Imagem 18. Mirante do Morro da Cruz | 83 |
| Imagem 19. Roteiro do terceiro evento, pedal para o Ribeirão da Ilha dia 29/01/2015..... | 86 |
| Imagem 20. Praça Hermínio Silva no Ribeirão da Ilha..... | 86 |

| | |
|--|----|
| Imagem 21. Praça Ribeirão da Ilha..... | 87 |
| Imagem 22. Ponto de encontro e saída para o pedal Trindade – Ribeirão da Ilha. Rua Trajano Margarida, 343. (Foto: Fabrício de Souza) | 87 |
| Imagem 23. Pedal de Quinta: Ribeirão da Ilha - 29/02/2015. (Foto: Fabrício de Souza) | 88 |
| Imagem 24. Ciclo-abraço pela segurança, ocorrido em 24/01/2015. (Foto da autora) | 90 |
| Imagem 25. Ciclo-abraço pela segurança, elevador do CIC, Avenida Beira Mar, em 24/01/2015. (Foto: Luís Antônio Peters)..... | 90 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 25 |
| 1.1 JUSTIFICATIVA | 28 |
| 1.1.1 OBJETIVOS | |
| 1.1.1.1 Objetivo Geral..... | 29 |
| 1.1.1.2 Objetivos Específicos | 29 |
| 1.1.1.3 Procedimentos Metodológicos..... | 29 |
| 2 MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE | 31 |
| 2.1 Modernidade e pós-modernidade na construção do cenário urbano atual..... | 32 |
| 2.2 Espaços públicos e as mudanças sociais | 46 |
| 2.3 As Redes Sociais na construção e apropriação do Espaço Urbano. 59 | |
| 3. Os grupos de ciclistas formados no <i>Facebook</i> e sua apropriação urbana..... | 73 |
| 3.1 Evento Córrego Grande | 73 |
| 3.1.1 Análise do primeiro evento | 77 |
| 3.2 Evento Morro da Cruz..... | 79 |
| 3.2.1 Análise do segundo evento | 83 |
| 3.3 Evento Ribeirão da Ilha..... | 85 |
| 3.3.1 Análise do terceiro evento..... | 86 |
| 3.4 Fatores participativos dos grupos analisados | 89 |
| 4. Considerações finais | 94 |
| REFERENCIAS | 96 |

1. INTRODUÇÃO

As cidades contemporâneas e a sociedade estão em constante processo de transformação e mudanças que afetam e se refletem na utilização dos espaços públicos.

A conjectura de utilização dos espaços urbanos pela sociedade moderna e pós-moderna, modificou-se em relação ao seu papel na Idade Média (Sec. XII e XIII), que possuía uma função definida socialmente, por tratar-se de ponto de encontro e relacionamentos, de todas as questões pertinentes aos processos sociais da vida urbana.

Figura 1. Comércio em praça medieval, séculos XII e XIII.



Fonte: Google, 2015.

Na modernidade, os espaços urbanos representaram os movimentos sociais, a luta de classes, com o uso racional da sociedade, que se moldava conforme as questões de ordem industrial, iniciando o processo de expansão das cidades.

As mudanças morfológicas, econômicas e sociais que se inseriram no período moderno (Sec. XVII ao Séc. XX) e pós-moderno

(Séc. XXI) na vida urbana, trouxeram consigo, novas maneiras de relacionamento e apropriações dos espaços, que implicam em realizar novos modelos de gestão urbana, fomentados pelo consumo, aspectos com características individuais da vida urbana, determinando a fragmentação do tecido urbano.

Estas mudanças (Sennet (1999), Castells (2003), Berman (1982), Harvey (1992)), estão relacionadas com questões econômicas, sustentadas na globalização; com mudanças sociais, em seus aspectos privado e público; com a individualização e forma fragmentada que se instaurou na sociedade e culturas locais na pós-modernidade; bem como, com as tecnologias contemporâneas que permeiam o conhecimento, as comunicações e os relacionamentos contemporâneos.

Procurou-se elucidar nesta dissertação, aspectos de mudanças sociais e relacionais do uso dos espaços urbanos e as mudanças ocorridas sociedade ocidental, que implicamos como relevantes nesta pesquisa. Para tanto, analisou-se um grupo específico, dos ciclistas, como recorte de pesquisa empírica.

Por outro lado, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e o uso da internet e das redes sociais, provocam mudanças nos aspectos relacionais, bem como produzem novos escopos de espaços públicos, ágoras virtuais, promovendo aspectos intercambiáveis entre espaços privados e públicos no período contemporâneo.

Além disso, as inquietações que nos levaram a esta pesquisa, em detrimento ao uso das redes sociais e a percepção de alguns espaços esvaziados e outros, densamente utilizados, nos suscita em estudar questões da necessidade humana de relacionamentos, contrapondo-se aos pressupostos de alguns autores, entre eles Sennet (1999), que definem a individualização como característica marcante deste ciclo da humanidade.

Para estes autores, as imposições sociais urbanas, contrapondo-se com benefícios de oferta de bens e conforto acessível, determinaram a morte das tradições, a mudança de relacionamentos, a ausência de propostas coletivas e sociais, a busca constante de afirmação e interesses individuais, aspectos que se refletem na vida urbana e nos espaços públicos, bem como, a definição de políticas públicas dos espaços públicos.

Procurou-se elucidar como a sociedade contemporânea cria mecanismos de se inserir nos espaços públicos, apesar de todo o contexto caótico da vida urbana, voltada ao consumo no planejamento

das cidades, bem como, responder que aspectos ou características dos espaços públicos a contemporaneidade necessita.

Pressupõe-se que os relacionamentos são aspectos da essência e gênese humana, e no transcorrer da sua vida, apesar da necessidade de adaptação permanente, que se faz necessária nos centros urbanos em constante transição, promovendo a individualização, as pessoas buscam mecanismos que promovam os intercâmbios sociais, sendo o cenário urbano, a representação efetiva desta característica.

É justamente deste aspecto que trata esta dissertação, pois a partir do desenvolvimento tecnológico, o uso da internet e das redes sociais, mudanças significativas no comportamento social se mostram e, a busca de encontros e relacionamentos nas grandes cidades, parece estar passando por um processo de transição, alicerçada pelos instrumentos facilitadores tecnológicos.

O estudo pretende verificar na prática um caso específico, dos ciclistas, que reivindicam para si espaços urbanos e o compartilhamento de vias, que se utilizam das redes sociais, para movimentos e demarcação de políticas públicas, em relação às suas demandas. Estes usuários modais por outro lado, apropriam-se dos espaços urbanos, utilizando-se das redes sociais virtuais para a marcação de encontros.

Procurou-se desenvolver respostas em relação a perguntas contemporâneas, o que são os espaços públicos na atualidade, se são físicos ou virtuais, como as novas formas de comunicação (redes sociais) e os relacionamentos sociais afetam os espaços, e de que forma alteram o uso destes, na atualidade. Buscou-se respostas de como as pessoas se relacionam com os espaços físicos através das redes sociais, o que leva as pessoas a utilizarem os espaços urbanos, ou, se há demandas contemporâneas para diferentes espaços, que as administrações urbanas poderiam avaliar.

Buscou-se identificar grupos de usuários das redes sociais, que utilizam este instrumento para os encontros nos espaços urbanos, como também, participam de movimentos na busca de reivindicar suas demandas com os administradores públicos, visando a qualificação dos espaços urbanos.

1.1 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho se propõe a contribuir com o estudo da apropriação dos espaços públicos na atualidade, frente às mudanças sociais ocorridas na modernidade e pós-modernidade, promovidas pela internet, especificamente, o *Facebook*.

Utilizou-se este instrumento/ dispositivo, para demonstrar as mudanças sociais ocorridas na pós-modernidade, por ser de amplo conhecimento mediático, como também, acessado por um número significativo de usuários, que buscam através das redes sociais, identificar-se com grupos, para encontros nos espaços urbanos.

Especificamente o recorte dos grupos dos ciclistas, foi utilizado pela possibilidade de análise empírica.

Estes recursos midiáticos permitem acesso rápido e ilimitado às redes sociais, apontando para uma tendência de busca de interações interpessoais e grupais, refletindo-se na ocupação diferenciada dos espaços públicos urbanos.

Por outro lado, a análise dessa mídia social, permite o recorte necessário para a pesquisa científica, efetivando e objetivando de forma concreta o estudo.

Para tanto, referenciou-se um diagnóstico de diferentes autores no que se citam às mudanças sociais na pós-modernidade, considerando-se serem estas as principais referências do contexto geral de mudanças, condições aplicáveis ao estudo de caso dos grupos de ciclistas na ocupação urbana.

Em relação aos espaços da cidade, especificamente de Florianópolis, justifica-se sua análise, pela ampla e diferenciada orla marítima, privilegiada por suas belezas geográficas, como também, por políticas participativas de grupos de ciclistas, que se propõe a chamar atenção dos gestores públicos na aplicação de recursos para a melhoria das vias modais, bem como de lazer.

Os ciclistas interferem ativamente no contexto urbano, além de ocupar os espaços urbanos de uma maneira peculiar, promovem campanhas chamando atenção da população para as dificuldades que enfrentam nas vias e espaços públicos, apontando mudanças necessárias para o compartilhamento dos espaços e das vias urbanas.

1.1.1 OBJETIVOS

1.1.1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral desta dissertação é compreender como as redes sociais, em especial o *Facebook*, interferem no uso e apropriação dos espaços públicos urbanos.

1.1.1.2 Objetivos Específicos

- Analisar as principais mudanças sociais e o uso dos espaços públicos provenientes da pós-modernidade.
- Verificar de que forma as redes sociais virtuais interferem no uso dos espaços públicos urbanos;
- Verificar quais fatores contribuíram para as mudanças que induziram novas formas de relacionamento das pessoas com os espaços públicos.

1.1.3 Procedimento Metodológico

Este estudo pode ser enquadrado como uma pesquisa, com enfoque exploratório que propicia o desenvolvimento dos conceitos, interpretando e atribuindo significados aos pressupostos e sua correlação com as observações empíricas.

A pesquisa exploratória é a fase mais destacada da dissertação, sendo que os dados da pesquisa foram obtidos por meio de técnicas de observação dos espaços urbanos, dos usuários dos espaços urbanos e das redes sociais.

Foram também analisados e relatados três eventos de grupos de ciclistas que se encontram virtualmente no Facebook e neste contexto, programam encontros cotidianos e semanais nos espaços urbanos de Florianópolis, sendo que as variáveis analisadas foram o número de encontros semanais, espaços urbanos que utilizam, além das vias, analisando o número de pessoas envolvidas nos eventos.

A pesquisadora inicialmente participou destes encontros, sem fazer nenhum levantamento ou análise, permitindo desta forma, uma ampla visão do modo de funcionamento destes grupos, bem como pesquisando através das redes sociais, os diferentes grupos de interesse, forma de atuação urbana e vivência social.

Desta forma, esperou-se identificar por meio do método, as mudanças sociais ocorridas nos espaços urbanos, com o uso da *internet/facebook* na contemporaneidade.

O recorte/ciclismo utilizado teve o objetivo analisado não somente como meio urbano modal de deslocamento ou uma prática eventual, mas também, de apropriação do espaço público urbano, não somente das vias, como também, nos demais espaços urbanos.

O método de observação, ou método observacional utilizado foi da observação informal fenomenológica participativa, das situações cotidianas do uso dos espaços públicos urbanos.

Este método possibilita diagnosticar estes fenômenos, procedimento que facilita análise e avaliação da pesquisa (DANNA e MATOS, 2006), tratando-se de um instrumento da Psicologia Comportamental, que promove o estudo e a compreensão das mudanças comportamentais da sociedade.

A observação é uma técnica que vem sendo utilizada no meio científico com mais rigor e aceitação a partir da década de 1980, sendo que o conceito ‘observação’ se relaciona a ‘perceber’ e ‘verificar’ (DANNA e MATOS, 2006).

As dimensões observadas foram o uso dos espaços urbanos por ciclistas, usuários das redes sociais, de acordo com as seguintes características: data; tipo de espaços públicos (ruas, avenidas, calçadas, ciclovias, praças, parques); número de pessoas envolvidas nos eventos; roteiro; tipo de interações desenvolvidas nos espaços (díades, tríades ou mais pessoas envolvidas nas interações), com relatório descritivo do trajeto de três eventos.

Estes três eventos, a partir de dados de observação, foram registrados em tabela, possibilitando sintetizar as variáveis estudadas.

| DATA | NÚMERO DE PESSOAS | NUMERO DE ENCONTROS | ROTEIRO DO VENETO | ESPAÇOS PÚBLICOS | TIPOS DE INTERAÇÕES |
|------------|-------------------|---------------------|------------------------------|------------------------------------|---------------------|
| 14/08/2014 | 15 | 1 | Trindade Córrego grande | Vias e praça | Grupos e duplas |
| 04/02/2015 | 28 | 1 | Beira mar e mirante do morro | Ciclovia, vias e Mirante | Grupos e duplas |
| 04/02/2015 | 36 | 1 | Trindade Ribeirão da Ilha | Ciclovias, vias, rodovias e praças | Grupos e duplas |

As categorias e variáveis selecionadas se devem a uma análise qualitativa, oferecendo subsídios aos aspectos considerados mais relevantes para a avaliação dos dados desta pesquisa, objetivando estudar o recorte que envolve os espaços urbanos, mudanças sociais e interações pelas redes sociais, procurando ressaltar as interações sociais produzidas pelas mídias.

O recurso fotográfico foi utilizado, como instrumento facilitador da análise do observador-pesquisador, diminuindo os vieses de interferência na análise dos dados, conforme (DESSEN; MURTA, 1997).

2 Modernidade e pós-modernidade: conjecturas da economia, sociedade e cultura na construção das cidades.

O objetivo deste capítulo é refletir sobre momentos históricos que introduziram as mudanças sociais contemporâneas, que conduziram para

as transformações sociais e a construção e o uso dos espaços públicos da atualidade.

2.1 Modernidade e pós-modernidade na construção do cenário urbano atual.

A modernidade e a pós-modernidade são temas que demandam uma análise abrangente, interdisciplinar e sistêmica, devido aos fatores e variáveis que determinaram o seu processo. Entretanto, nesta dissertação, nos deteremos aos fatores que contribuíram significativamente para mudanças que consideramos relevantes, que induziram novas formas de relacionamento das pessoas com os espaços públicos, em sua dimensão físico-espacial e virtual.

A modernidade foi um processo de criação de relevantes avanços da humanidade, inseridas pela conjuntura dos processos econômico do sistema capitalista que preponderou no mundo, iniciados com a Revolução Industrial e social.

O ‘projeto da modernidade’ como Coelho (2001) se refere a este período, está implicado com três aspectos distintos em relação às ciências, à arte e à moral, como também, num segmento posterior, com a lei e a política.

O autor da Era das Revoluções, Eric Hobsbawn (1995) assegura que a modernidade foi um movimento ‘destruidor do passado’ e que houve uma ruptura de toda referência histórica das gerações passadas, um dos ‘fenômenos mais lúgubres’ do século XX (HOBBSAWN, 1995, p.13).

Hobsbawn (1995) e Harvey (1992) compartilham deste mesmo pensamento sobre esta característica da modernidade – de ruptura e descarte do aprendizado passado - que consideram ser uma marca contínua que se instaurou na modernidade e provocou mudanças na sociedade jamais vistas na história da humanidade, em um curto período de tempo.

Neste contexto, o tempo e o espaço passaram a ser percebidos de forma diferente com todas estas mudanças. A vida urbana e a estrutura das cidades se modificaram conforme a evolução histórica da sociedade e, para entender as cidades, é preciso apreender sobre as mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo (CUTHBERT, 2003).

O desenvolvimento tecnológico, por exemplo, possibilitou viagens intercontinentais; o uso mecanizado do solo permitiu a diminuição de pessoas na atividade do campo; a comunicação de alcance global rápida e eficiente promoveu transações comerciais entre

nações e a ampliação das redes sociais, possibilitou encontros ‘virtuais’ nas relações humanas (HARVEY, 2012).

Estes avanços tecnológicos, acompanhados das mudanças nas relações sociais, permitiram a formação e desenvolvimento das metrópoles, iniciando um novo ciclo histórico de transformação da humanidade (HOBSBAWN, 1995).

As mudanças urbanas foram criação e consequências deste processo, iniciado na Idade Média, porém acelerado com a modernidade, que fomentaram a saída do homem do campo para as cidades, em busca das oportunidades propiciadas pelo desenvolvimento industrial, fator relevante nas relações e continuas mudanças que se inserem na vida urbana.

Com as revoluções tecnológicas e industriais supôs-se que o domínio da natureza se fizesse a partir das ciências, e o homem teria autonomia e liberdade para usufruir e viver de forma ilimitada nas cidades, consumindo os bens que pudesse produzir e adquirir, não estando assim mais preso às tarefas de subsistência que o prendiam anteriormente (no campo). Entretanto, Berman (1982), aponta para um aspecto paradoxal neste contexto: “o processo do desenvolvimento na medida em que transforma o deserto num espaço social e físico vicejante, recria o deserto no interior do próprio agente de desenvolvimento”, ressaltando a questão individualista e solitária urbana (BERMAN, 1982, p. 26), bem como, sua ilimitada tendência à busca de desejos.

As cidades são o reflexo da sociedade em constantes mudanças, e neste contexto, sua evolução material e cultural são produtos da organização social a qual decide o que ela seja desenvolvida através de basicamente quatro pilares: a economia, a religião, a política e a tecnologia (CASTELLS, 2003).

Em relação às mudanças da humanidade e seus relacionamentos, Berman (1982) afirma que, ao mesmo tempo em que a modernidade transforma espaços vazios em cidades com altas densidades populacionais, paralelamente, desenvolve a individualização e solidão urbana, pois segundo o autor, as cidades ao invés de oferecerem espaços para as relações humanas, fomentaram o isolamento.

O modernismo destruiu estruturas sociais da Idade Antiga, econômicas e culturais, para criar um novo mundo, uma nova maneira de viver¹.

¹ Para os gregos, na Antiguidade, as cidades eram a representação da organização política (ou social), aspecto fundamental da vida na ‘polis’, cujo núcleo central era a

Porém as inovações e possibilidades tecnológicas adquiridas com o conhecimento da ciência propiciaram novos contextos urbanos, centro e palco de todas estas transformações, que refletem o desejo da humanidade moderna por cidades – que são um exemplo e síntese do poder criador/transformador/destruidor, referência das mudanças causadas pela modernidade e dos instrumentos efetivos que possibilitaram esta adaptação e transformação².

Esta inclinação humana da era moderna em destruir e reconstruir é uma marca constante nos anos que se sucedem e que, denotam além dos aspectos econômicos potencializados das ‘necessidades’, também desenvolve características de adaptação às mudanças estabelecidas, modificando cenários urbanos e sociais. Além disso, demonstra um comportamento conflitivo e ao mesmo tempo adaptável, em relação aos espaços geográficos, com implicações econômicas e sociais, promovido por questões ideológicas e contingenciais.

Harvey (2013) utiliza o termo ‘contingencia’ para definir aspectos da modernidade, pois insere o entendimento de adaptação,

família e o lar e, com o surgimento das cidades-estados. As cidades acrescentavam ao homem, uma esfera política em suas relações. Vivendo e convivendo na pólis, o homem desenvolvia habilidades políticas e sociais, pois colocava as questões coletivas acima de sua existência particular. O surgimento da Cidade-estado é visto pelos gregos, como herdar “[...] além de sua vida privada, uma espécie de segunda vida [...]”, abrangendo cada cidadão, duas instancias de existência: uma pública e outra, privada (ARENDDT, 2013:28).

² As obras de Haussman (1853-1870) foram uma intervenção em Paris, transformando-a na cidade que é atualmente, foi determinada com o objetivo de liberar o tecido urbano para que as manobras militares de contenção das grandes massas fossem mais eficientes. A ideia original foi permitir que a cidade se expandisse e, 49 km de ruas antigas e estreitas, foram refeitas, construindo-se 165 km de novas vias. Além disso, obras sanitárias também foram implantadas, herança do aprendizado da Peste Negra que se instaurou em 1348, considerado por especialista, como um dos melhores do mundo, que abrange a totalidade urbana. Muitas edificações medievais foram demolidas, renovando a cidade em um urbanismo racional e moderno, destruindo aspectos históricos seculares. Bairros inteiros foram derrubados, ruas foram arborizadas e receberam iluminação. Parques e praças foram criadas, com jardins públicos para livre utilização. A cidade foi cortada em eixos e contornada por um anel viário, muito copiada na atualidade. A cidade mudou totalmente seu traçado e os quarteirões foram implantados no desenho urbano, definindo-se normas de lotes, bem como, a padronização dos edifícios e fachadas. Além do fator ambíguo de destruição e reconstrução, COELHO (2001) também afirma a contradição existente entre privado e público, que dissertaremos no item 1.1.4. Privado e Público.

mudança e transformação constantemente renovada: o indivíduo e as sociedades urbanas aprendem a se adaptar às contingências.

Resumindo, com o passar do tempo, as sociedades e nações descobriram que ao invés de ‘libertar o homem da escravidão’ de sua subsistência, ideia preconizada no início da modernidade, criou-se um sistema de opressão e de alienação, com exigências cada vez maiores da sociedade, com a criação de paradigmas e maneiras unilaterais de modo de vida, refletindo-se na vida urbana, pela enorme energia que demandam todas as tarefas diárias. Os aspectos caóticos da vida urbana demonstram estas questões, como por exemplo, a violência urbana, as injustiças sociais, o trânsito desordenado, a imobilidade, espaços públicos decadentes e esvaziados, políticas públicas que defendem interesses corporativos, políticas ao consumo à frente dos interesses coletivos, exigências do mercado, etc.

Nas relações familiares as principais mudanças que Hobsbawn (1995) destaca na era moderna, e que influenciaram o cenário urbano, foram o desejo ou necessidade de liberdade e autonomia feminina. Isto motivou as mulheres a entrarem no mercado de trabalho, mas ocasionou também dificuldades em combinar carreira, casamento, família e emprego, suscitando questionamentos, dificuldades e conflitos.

Movimentos feministas exigindo igualdade entre homens e mulheres, provocaram mudanças nunca antes vivenciadas nas relações de gênero na nossa cultura. Os papéis sociais, antes fortemente demarcados, foram se modificando e criando-se novos contextos de atuação, bem como, propiciaram novas relações familiares e sociais, provocando aquisições e modificações de papéis. Além disso, no contexto urbano e em todas as áreas das ciências, foi introduzido o olhar feminino, promovendo também administrações urbanas com diferentes abrangências e complexidade.

Também em analogia à urbanidade, a relação do homem com o campo mudou para a inclusão homem-cidade e, a terra passa a ser um bem usável, apoderável, ‘coisificado’, não mais cuidado, manejado, tratado e cultivado. O afastamento da terra e todas as consequências deste afastamento também criaram mudanças relacionais, econômicas e sociais, que se refletiram nas cidades (HOBSBAWN, 1995). A terra passa a ter uma representação de espaço de moradia e não mais de subsistência.

Em relação às cidades, vários autores refletem sobre seus significados e destacamos autores que promoveram conceitos abrangentes e multidisciplinares, relevantes para o segmento do

entendimento das modificações ocorridas nas cidades modernas e contemporâneas.

Engels (1993) afirmou que as cidades ocidentais eram a representação da modernidade, ou seja, a criação mais concreta da vida moderna, considerando-as palco de produção e reprodução da sociedade e do capital, e neste contexto, palco de lutas sociais na confluência e discrepâncias de diferenças causadas pela Revolução Industrial, onde as classes proletariados e burguesa lutavam pelos seus interesses, reivindicações e espaço num novo mundo (moderno) que se abria. A Revolução Industrial trouxe consigo desde os primórdios, a divisão de classes e a segregação dos bairros a serviço da economia.

Para Park (1967) as cidades são uma tentativa de refazer o mundo, de acordo com os desejos e capacidade humana de criação e, ao mesmo tempo, determinam que criatura e criador estejam condenados a viver neste universo concebido. O autor afirma que ao criar as cidades, o homem refaz a si mesmo, ou seja, muda sua existência continuamente.

Para Castells (1977) o sistema capitalista e seus processos incessantes são os fomentadores do processo de moldar as cidades. Para este autor, a urbanidade é o cotidiano vivido e desejado pelos cidadãos em que, a partir dos desdobramentos das forças produtivas frente ao consumo, cria um ciclo incessante e alimentador, onde um depende do outro – é neste contexto que as cidades e as relações se desenvolvem.

Seguindo este mesmo raciocínio, Wirth (1987 apud Harvey, 2012), em um conceito mais contemporâneo das cidades, um dos idealizadores da corrente culturalista na percepção das cidades, afirma que as cidades são fabricadas pela cultura e o pelo modo de vida moderno, e são moldadas, transformadas e adaptadas conforme o ciclo contemporâneo da humanidade.

Percebe-se que nesta conjuntura, os autores pressupõem que as características urbanas são o reflexo da vida social urbana com toda sua complexidade e desenvolvimento provocado, no contexto moderno pelo qual está inserido. O urbanismo é socialmente produzido com suas interações econômicas, políticas, culturais e sociais, bem como, reflete o modo de vida da civilização.

Nos conceitos mais contemporâneos, pode-se entender que a cidade e os espaços urbanos passaram a ser estudadas de uma maneira mais abrangente, com visões interacionistas e sistêmicas, nas quais a Sociologia, Antropologia e outras ciências também contribuem para descrever os processos que influenciam as configurações sociais, econômicas e políticas na constituição urbana moderna. Influências de todas as ordens cumprem seu papel na construção e transformação das

idades como também, abarcam o estudo dos comportamentos e mudanças sociais.

Na continuidade histórica mundial e urbana, alguns autores, entre eles Harvey (2013), questionam se o pós-modernismo é um período à parte da modernidade, um novo ciclo na humanidade, ou trata-se de uma nova/outra versão do modernismo. O autor pergunta: “O pós-modernismo representa uma ruptura radical com o modernismo ou é apenas uma revolta no interior deste movimento? ” (HARVEY, 2012, p.47).

Como se trata de um período contemporâneo, e não se podem considerar efeitos à posteriori, o fato é, que se apresentam características distintas e por sua vez, antagônicas, bem como, mudanças de ordem social, econômica e cultural diferenciadas, comparativamente com a modernidade.

O pós-modernismo caracteriza-se por ser um período em andamento, porém também de desconstrução do passado, de ruína das utopias construídas na modernidade, que alguns autores como Deleuze e Guatarri (1984) e Lacan (1998) afirmam possuir características sociais esquizofrênicas e polissêmicas, que dissertaremos mais adiante.

Comparativamente ao modernismo que teve um papel renovador, de ruptura do passado, com processos de mudanças de vida, com sentimentos de confiança em que a sociedade estava em busca de dias melhores, a pós-modernidade preconizou rompimentos de utopias políticas e econômicas, onde os alicerces que sustentavam estas utopias, foram gradativamente tornando-se instáveis e por fim, ruíram. A instabilidade na pós-modernidade, tornou-se um marco, refletindo-se na economia, sociedade e cultura. A falta de referências e as mudanças aceleradas resultam em um mundo caótico e fragmentado (HARVEY, 2012), aspectos que se refletiram na vida urbana.

Já em relação à transição de períodos na arquitetura, Jencks (1984) data como 15 de julho de 1972 a passagem do modernismo para o pós-modernismo, quando o grande projeto ícone da modernidade de habitação social de Pruitt-Igoe (de Le Corbusier) foi dinamitado. Este autor afirma e ressalta que a arquitetura pós-modernista está pautada em duas transformações significativas de tecnologia, com mudanças de materiais e novas concepções urbanas. A primeira, alicerçada na maneira que a comunicação derruba fronteiras de espaço e tempo produzindo internacionalismo (migração nas cidades de diferentes culturas e países) e diferenças internas nas cidades e sociedade, produzindo a fragmentação dos espaços urbanos. A segunda relaciona-se com as novas tecnologias que permitiram uma produção em massa

diferenciada, com produtos quase personalizados e com preços acessíveis, introduzindo a cultura do gosto e do desejo.

Harvey (2012) também aponta a questão do desenvolvimento tecnológico que tornou o mercado de produtos acessível, bem como a ênfase ao consumo urbano, como simbolismo da instauração de um novo ciclo urbano. A uniformidade e padronização urbana ocorrida com a modernidade não mais se sustentam, passando a ser introduzidos produtos e projetos diferenciados, que promovem o consumo.

A antifôrma, a anarquia, a dispersão, o desejo, a mistura de formas (poliformidade), a esquizofrenia (processo caótico que trataremos a seguir) são algumas das características apregoadas neste período, em antagonismo com a forma, hierarquia, sintoma, paranoia, do ciclo moderno.

Harvey (2012), Sennet (1999) e Hobsbawm (1995) afirmam que o mundo pós-moderno é assinalado e demarcado com os avanços tecnológicos, principalmente na área de comunicação e transferência de conhecimento. A oferta de conhecimento e produção deste resulta em uma sociedade alicerçada na informação e comunicação. As condições que levam com que o conhecimento possa ser codificado a todo instante, de todas as maneiras, foi propiciado também pelo desenvolvimento tecnológico e especificamente pela internet, instrumento cotidiano da sociedade pós-moderna. As condições técnicas e sociais de comunicação se transformaram e neste contexto, alteraram a sociedade num processo de inovação cotidiana.

Neste contexto, Harvey (2012) interpreta que, a informação em massa obtida pelas diversas fontes desenvolvidas pela pós-modernidade, e o amplo conhecimento de diferentes culturas de todas as partes do mundo (filmes, revistas, televisão, exposições, viagens turísticas, internet) criou um ecletismo popular, que segundo Lyotard (1984), é o grau zero da cultura contemporânea. Denominado de *'musée imaginaire'* ou *'pot-pourri'* com características internacionalistas e de miscigenação, conceito que denomina a globalização urbana, provoca além dos movimentos de imigração pelo mundo, uma compreensão contemporânea de diversidade cultural que contribuiu para o ecletismo urbano.

Com a economia industrial em declive nas décadas de 80 e 90, novas formas de captação de capital se fizeram necessárias, criando-se fórmulas de espetáculo urbano, promovendo a reestruturação das cidades com processos participativos de atração.

Harvey (2012) cita Baltimore City Fair (EUA) como exemplo do ecletismo e da mistura de referências étnicas, na promoção das cidades

que se faz presente na globalização urbana. Além de oferecer uma arquitetura voltada exclusivamente para o espetáculo (como é o caso de Las Vegas -EUA), as cidades se moldaram pressionadas pela competição, na busca de resultados de desindustrialização e reestruturação urbanas, afetadas pelas crises econômicas.

Da mesma forma que a moda que se modifica a cada estação, a publicidade, a mídia, a pop arte e uma infinidade de cultura de massa ‘comercializou-se’, disponibilizada e oferecida para abranger cada vez mais, um número maior de pessoas, assim também, as cidades são planejadas para o consumo e não para o encontro.

As cidades sofrem a influência desta miscigenação globalizada, alterando os desejos, com novas fontes de demandas subjetivas e de consumo. Os grupos sociais virtuais, por outro lado, fomentam estas demandas, ao trocarem informações e adquirir novos conhecimentos.

Em Espaços de Esperança (2004) Harvey distingue quatro fatores que contribuíram para a aceleração da globalização, que devem ser considerados em suas relações sistêmicas da globalização, pressupostos que colaboram nesta dissertação: (a) a ‘maior facilidade de circulação de mercadorias e de pessoas por todo o mundo’; (b) o lastro volátil financeiro entre os mercados internacionais; (c) o desenvolvimento e o compartilhamento de conhecimento; e, (d) as mudanças tecnológicas e a revolução da informação, que além de promoverem os ciberespaços nas mudanças sociais, ainda fomentam as atividades de tempo e espaço (HARVEY, 2004, p. 92).

Este processo, segundo alguns autores, iniciou-se na Revolução Industrial e para outros, trata-se de consequências do desenvolvimento tecnológico, que envolve os desdobramentos do capitalismo, que extrapolou fronteiras e nações. Trata-se de mudança, abrangência e influencia, sem probabilidade de retorno.

Harvey (2012) afirma que, este processo concretizou-se com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação da pós-modernidade, envolvendo distâncias mundiais no século XX e XXI.

Os mercados, neste contexto, avançaram para além de suas fronteiras, com possibilidade de produção, distribuição e consumo, influenciando e desestabilizando economias locais, identidades das nações e culturas que até então se mantinham restritas à suas próprias economias e mercados.

Um dos fatores importantes da globalização são as possibilidades comparativas entre os povos e nações, fomentadas pelo conhecimento e troca de informações, favorecendo a construção de uma sociedade mais crítica e exigente, que supostamente, deveria contribuir com uma

cidadania mais participativa e consciente nas gestões urbanas, em relação às suas reivindicações e desejos de mudanças.

Neste contexto, a troca de informações nos grupos virtuais, também são um mecanismo e instrumento fortalecedor de aspectos de conhecimento e das relações urbanas, sobre o que está sendo feito em outros países, nas gestões urbanas, em todos os assuntos que lhe sejam relevantes, tornando-se um palco de discussão, crítica e engajamento político.

Nesta conjuntura, as tecnologias de comunicação também estariam também contribuindo no processo de mudanças sociais?

Para Santos (1988), as mudanças decorridas pela globalização, causaram metamorfoses irreversíveis nos espaços urbanos, com ‘humanidades misturadas’ e heterogêneas, que disputam o espaço com suas culturas distintas (que agregam novos significados aos espaços), bem como, que recebem a interferência da economia. Pressupõem também que há multiplicidade de olhares especializados que definem ou indefinem os espaços “geográficos, econômicos, demográficos, sociológicos, ecológicos, comerciais, nacionais, continentais, mundiais”, pois segundo o autor, “há concepções diversas das mesmas coisas, pois há indivíduos diferentes” que se dedicam ao estudo (SANTOS, 1988, p. 9). O autor conceitua os espaços desta forma:

O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis porque sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho [...] O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimentos (SANTOS, 1988, p. 10).

Este autor ressalta o aspecto dinâmico da sociedade, bem como, as características relacionais dos indivíduos, implicadas na materialidade, labor e atividades, em constante estado de mudanças, e que os espaços, são, o exemplo revelado, qualitativamente e quantitativamente destas transformações.

Neste mesmo segmento de raciocínio, mencionamos Sennet (2009), autor da *Corrosão do Caráter*, que referencia que o homem contemporâneo necessita se habituar às mudanças e que a única certeza da humanidade, é a incerteza frente ao futuro, pois a história da humanidade tem demonstrado que as alterações são uma constante, e que invariavelmente, é preciso aprender a improvisar e adaptar-se: “o indivíduo pode ser obrigado a improvisar a narrativa de sua própria vida,

e mesmo a se virar sem um sentimento constante de si mesmo” (SENNETT, 2009, p. 13). O autor, além de se referir aos eventos das guerras, dos desastres ambientais e provocados, os problemas e naufrágios econômicos, trazendo uma perspectiva dinâmica aos desenlaces, também se refere às práticas cotidianas e normais do capitalismo, afirmando que não há mais como definir as coisas em longo prazo.

Os projetos urbanos e a sociedade pós-moderna, com as características expostas acima, modificam a forma das administrações urbanas, possibilitando a intersecção, as interpelações, o entrelaçamento intertextual de vida própria, possibilita a construção de uma sociedade onde todos se tornam consumidores e produtores, pelo fácil acesso ao conhecimento e pelas tecnologias, que permitem este intercâmbio. Isso determina uma vivência em um mundo polissêmico, polifônico e poligráfico, com múltiplas imagens e abordagens fragmentadas e sobrepostas “[...] uma ilusão estereoscópica, uma sucessão de imagens filmicas sem densidade” (HARVEY, 2012, p.57).

No modernismo, a mensagem e o modo do que estava sendo dito, era identificável, concreto e com significados racionais – havia uma busca neste sentido, porém no pós-modernismo, o desconstrutivismo é a marca das novas combinações no ‘significado e significante’, simbolismo das representações sociais urbanas, que foram se modificando nos processos contingenciais.

Novos significados são construídos, cotidianamente, não mais a partir da fenomenologia e da semiótica, através da lógica e da análise dos signos e, como determina Deleuze (2000). Há uma crise, uma ruptura com o significado. O pós-modernismo depende de um modo particular de interpretar, através da subjetividade. O pós-modernismo neste sentido insere pressupostos psicológicos quanto à personalidade, à motivação e ao comportamento na construção dos conceitos e interpretações.

Neste sentido que se instaura a questão esquizofrênica, pois no pós-modernismo há desordem linguística, há ruptura na cadeia dos significados, há uma mixagem de significantes, distintos entre si e sem correlação entre si, que resulta num não significado, ou, vários significados. As redes sociais são a maior prova disso, da efetivação de tais mudanças.

Deleuze (2000, p. 222) menciona: "não há nada para explicar, para compreender, para interpretar." Isto é esquizofrenia, e é isto que o autor define ser produzido pelo capitalismo, e é isso que o capitalismo gera nas pessoas: esquizofrenias pela falta de significados. O autor

pressupõe que o capitalismo desenvolve esta esquizofrenia, por alienar e cegar as pessoas em seus comportamentos consumistas, pela ausência de significados para a vida. Ao mesmo tempo, permite um panorama novo, em que significados subjetivos sejam constantemente construídos.

Alguns autores também falam no conceito ‘esquizofrenia pós-moderna’, entre eles Foucault (1987), Lacan (1986)³ e Deleuze (1999), procurando elucidar a questão individualista e fragmentada da sociedade intimista, que se instaurou na contemporaneidade.

Nesta dissertação, o conceito é utilizado pelos autores como uma forma de definir a sociedade contemporânea, em uma conotação mais abrangente e sintomática, e que envolve as mudanças sociais ocorridas, e estando em questão, os sintomas que a sociedade apresenta, similares ao Transtorno classificado pela Psiquiatria. (Ver nota de rodapé da página 27).

Foucault (1987) insere conceitos significativos em relação ‘às doenças produzidas pela sociedade’, em Vigiar e Punir, afirmando que os indivíduos desenvolvem mecanismos de sujeição do corpo (e da mente) conforme vigências da época. O autor analisa a história política do corpo, com o objetivo de mostrar que este sempre esteve sujeito às leis vigentes, interesses políticos e econômicos, que torna possível seu funcionamento como força de trabalho, o que ele denomina de tecnologia política do corpo, ou seja, determinada pelos mecanismos de controle dos indivíduos. Parece haver uma construção mais unilateral das influências nos conceitos de Foucault (1987), quando utiliza o termo ‘sujeição do corpo’ (e também da mente) quando o autor se refere a este controle e mecanismo, ignorando ou rejeitando os conceitos interacionistas nesta construção⁴.

³ LACAN (1986) menciona esta posição esquizofrênica em seus estudos, percebida nos indivíduos na modernidade e mais recorrente na pós-modernidade. Identifica-a com características de patologia individual, instaurada precocemente com características de desordem linguística e desorganização da cadeia de significantes, porém não se tratando de uma demência, mas sim uma alteração delirante que envolve o universo imaginário e delírios paranoicos fruto de relações patológicas na tenra idade.

⁴ O autor analisa a história política do corpo, com o objetivo de mostrar que este sempre esteve sujeito às leis vigentes, interesses políticos e econômicos, que torna possível seu funcionamento como força de trabalho, o que ele denomina de tecnologia política do corpo, ou seja, determinada pelos mecanismos de controle dos indivíduos. Parece haver uma construção mais unilateral das influências nos conceitos de Foucault (1987), quando utiliza o termo ‘sujeição do corpo’ (e também da mente) quando o autor se refere a este controle e

Frente ao universo de consumo, o homem urbano criou comportamentos competitivos, não solidários, baseados na materialidade e economia de mercado, alienado às questões sociais, onde “[...] esse ousado indivíduo precisa desesperadamente de um conjunto de habilidades e astúcias, necessárias à autopreservação, à autoimposição, à autoafirmação, à autolibertação” (BERMAN, 1986, p. 21).

Esta característica pós-moderna de individualismo também se insere com o processo decorrente de construção humana, denominado pelos autores de ‘Vir a ser’, são aspectos inconstantes e de continuados processos que demarcam a sociedade em todos os seus contextos e que interferem e refletem no comportamento urbano.

Na pós-modernidade, diferente do período moderno, uma cultura mais exigente e individualizada se instaura, com o mercado voltado para a diferenciação, com enormes possibilidades de bens de consumo e tecnologias de comunicação à disposição, onde novos arranjos físicos e espaciais se fazem necessários nos espaços urbanos, em uma sociedade marcada pelo consumo.

Os espaços urbanos então se modificam, visando atender às exigências das demandas que o mercado capitalista produz que privilegia corporações, entre elas os shoppings e as demandas dos consumidores.

O indivíduo, preocupado com suas demandas, voltou-se para suas preocupações e realizações pessoais, por questões subjetivas, que Nietzsche (1968) denomina de hedonismo. O hedonismo é alicerçado em uma sociedade que necessita de meios econômicos para se alimentar e desenvolver, mas ao mesmo tempo, ter consumo e prazer. Segundo Harvey (2012, p.26) “[...] uma sociedade que vive para a produção e o consumo são à base de um sistema que precisa sempre se renovar”.

Ora, prazer e consumo necessitam de fonte constante de renda, de capital, sempre renovado e que demanda mais trabalho e neste sentido, o hedonismo percorre caminhos contraditórios (HARVEY, 2012). (O trabalho sempre foi visto, como uma tarefa exigida e da ordem dos deveres e obrigações enquanto que por outro lado, o prazer está relacionado com os direitos e o lazer).

Richard Sennet (1988, p. 319) autor que se dedicou ao estudo das formas de sociabilidade, comunicação, representação, atuação e relação das pessoas com as grandes cidades, refletindo criticamente sobre os processos sociais e interesses humanos, pautados nas ambições, que

mecanismo, ignorando ou rejeitando os conceitos interacionistas nesta construção.

segundo ele, criaram cidades sem alma e impessoais, afirma que a sociedade urbana promoveu o individual, o distanciamento nas relações e considera estes aspectos como “os mitos dos males da sociedade”. Afirma que se houvesse aproximação, intimidade e calor humano nas relações, a sociedade urbana certamente não teria tantos problemas como na atualidade. Justamente este aspecto de distanciamento, comparativamente com as necessidades de relacionamento, que propiciam que as redes sociais, retomem este importante aspecto da sociedade.

Com o advento da internet, percebem-se o retorno da busca de relacionamento, não mais nos moldes antigos e este estudo, que estamos abordando nesta dissertação, também denotam movimentos de apropriação dos espaços urbanos.

Para o autor, do Fim da cultura pública, “a impessoalidade que parece definir um panorama de perda humana, uma total ausência de relacionamentos”, (SENNET, 1988, p.319), são o resultado do panorama sócio espacial fragmentado nas mudanças da globalização ocorridas nos espaços urbanos, onde a convivência se perde, sendo que eles se esvaziam na vida pós-moderna, nos moldes anteriores, transformando-se em espaços de transição e de consumo, aspectos privilegiados nas gestões urbanas.

As demandas da vida moderna, a busca da realização, aspectos do cotidiano que exigem cada vez mais a implicação dos indivíduos, criaram uma sociedade com paradigmas que se afastam de sua essência e de suas reais necessidades: os relacionamentos.

O excesso de privacidade e vida pessoal no interior da cultura social e o esvaziamento efetivo do cidadão na vida pública são mudanças que instauram uma nova cultura urbana, centrada nos moldes forjados pelo capitalismo. As mudanças começaram nos séculos XVIII e XIX, sendo que as principais transformações se ajustaram no século XX, tendo como ponto de partida, a Revolução Industrial (SENNET, 1999).

Procurando as causas do excesso da vida privada na sociedade contemporânea, Sennet (1999) afirma que a migração em massa das pessoas, do campo para as cidades, foi o principal fator que determinou e retraimento da sociedade urbana em sua intimidade, pelo receio aos estranhos, que se tornaram por efeito, excluídos, iniciando-se assim, as mudanças da esfera pública para a privada.

Outro fator que o autor aponta como causador deste processo é o socioeconômico, com a diferenciação adotada pela classe burguesa, que se manteve distante e socialmente distinta da massa, com comportamentos de ostentação e individualização, alheia às questões de

ordem social. Também neste contexto, ‘a fetichização das mercadorias’ fomentadas pelos comandos capitalistas, com a criação das lojas de departamentos (que mais tarde se denominariam de shoppings centers), promovidos por uma economia que incentivava o processo de produtos personalizados. A adesão da sociedade frente aos mandos do capitalismo foi, para o autor, o fator preponderante para as mudanças (SENNNET, 1999), indo de encontro aos pressupostos de Deleuze (2000).

Sennet (1999) refere-se à vida urbana da mesma forma que as pessoas agem nos teatros, num comparativo aos cenários urbanos. Neste contexto, a plateia caracteriza-se por pessoas estranhas e diversas com os mesmos objetivos, que se encontra em um espaço, que estão juntas, interagindo com o espetáculo. Esta diversidade na realidade enriquece as relações sociais e o desenvolvimento de políticas públicas pautadas justamente nas diferenças, reforçaria os laços sociais as interações interpessoais. Este fator é relevante para esta dissertação e pesquisa.

A sociedade intimista se vê confusa naquilo que se refere ao público e o privado, pois assim como se nega em participar de decisões públicas, retraindo-se à intimidade, nega-se a qualquer tipo de relacionamento com os estranhos e diferentes, supervalorizando as relações interpessoais íntimas. Perde-se neste contexto, a verdadeira função da cidade, local de encontro dos estranhos, onde projetos urbanos voltados para a intimidade se alastram de forma sistemática e profusa, que o autor denomina de difusão da incivilidade (SENNNET, 1999):

As pessoas somente podem ser sociáveis quando dispõe de alguma proteção mútua; sem barreiras, sem limites, sem a distância mútua que constitui a essência da impessoalidade, as pessoas são destrutivas, não porque a natureza do homem seja malévola [...], mas por que o efeito último da cultura gerada pelo capitalismo e pelo secularismo moderno torna lógico o fratricídio, quando as pessoas utilizam as relações intimistas como bases para as relações sociais (SENNETT, 1999, p. 379).

Podem as redes sociais contribuir para a diminuição das diferenças nas distancias relacionais, cooperando efetivamente ao uso dos espaços urbanos e usufruir desta perspectiva participativa e atuante? O sucesso obtido pelas redes sociais pode ter sido alicerçado, por estas características e conjunturas modernas e pós-modernas? Esses questionamentos fundamentam a presente pesquisa.

2.2 Espaços públicos e mudanças sociais

Lavalle (2005) afirma que o conceito ‘espaço público’ somente foi incorporado na contemporaneidade, sendo resultado da evolução e de um processo histórico em relação aos conceitos ‘público’ e ‘privado’, devido sua dicotomia e complementação.

O que efetivamente são os espaços públicos? Este conceito não pode ser respondido de uma maneira pontual, pois como menciona Borja (2006), o espaço público é o lugar de intercâmbio democrático e não pode ser avaliado na atualidade sem a polarização dicotômica dos espaços privados.

Ao mesmo tempo, os espaços públicos são a expressão da sociedade e de sua existência, e para entendê-los, é preciso compreender os relacionamentos, um dos componentes da vida urbana (MADANIPOUR, 2003, p.139)

Inicialmente, os espaços públicos foram ‘uma resposta classista ao processo de apropriação privada da cidade’ (BORJA, 2006) e segundo o autor, os espaços públicos foram criados para serem palco da burguesia, preocupada em ostentar suas riquezas. Somente mais tarde, transformaram-se em tablado para os movimentos sociais, no processo de democratização da vida urbana, na sua apropriação.

Os componentes dos espaços urbanos são os objetos e as pessoas que os utilizam, sendo que os objetos são significados pelos indivíduos em diferentes contextos e tempos. O significado de ruas, por exemplo, não pode ser concebido de forma pura, pois há uma gama de abrangência em seu conceito, que envolve as invenções humanas e suas capacidades de atribuir funções, simbolizando este objeto, conforme a realidade e função da sociedade diz Madanipour (2003, apud CUTHBERT, 2003).

Neste sentido, mencionamos novamente a questão da esquizofrenia e das polissemias, características da sociedade pós-moderna, onde Foucault (1972) se refere aos novos códigos de linguagem contemporânea, para explicar esta questão, em que cada grupo se identifica com os seus pares, percebendo o pluralismo de mundos coexistentes e distintos, que denomina de heteroptopia, superpostos e fragmentados, coabitando nos espaços urbanos. Exemplo deste pluralismo se reflete nos grupos transgênicos, homossexuais, feministas, ecologistas, etc. processo iniciado na modernidade, porém com abrangência e liberdade de expressão e representatividade maior no período posterior.

Também, neste contexto, os grupos das redes sociais, e aqui, especificamente os ciclistas, são exemplo humano e virtual desta pluralidade e heteroptopia, onde as identificações, os intercâmbios e as interpelações, se refletem no uso dos espaços urbanos e suas mudanças nas novas configurações e vivências.

Conforme Knox (1995, apud CUTHBERT, 2003) diferentes grupos produzem distintos significados aos espaços públicos que podem por si, receber múltiplas funções, conforme a construção social. A diferença de usos ou não usos que determinará os significados dos espaços. Neste sentido, quanto mais pessoas utilizando os espaços, mais significados eles obterão.

Em relação ao público, Arendt (2013, p. 61) afirma que campo público é o domínio da articulação e significação comum e que “[...] tudo o que aparece em público pode ser visto e ouvido por todos”, o que garante a construção social da realidade. A realidade é o fator que nos possibilita a existência e de estar em relação com o mundo, às pessoas e as coisas, e que dá significado comum à realidade que em nos é instaura pelo social.

Também sobre as questões públicas, conceitua ser toda a ordem comum ao mundo, diferenciando de natureza e vida orgânica, que permite a companhia dos outros ao indivíduo:

Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interpostas entre os que o possuem em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo espaço entre [*in between*], o mundo ao mesmo tempo separa e relaciona os homens entre si (ARENDR, 2013, p.64).

No outro ‘lado’ do domínio público está à dicotomia privada, as questões de ordem privativa dos indivíduos, que se fazem na sua intimidade. Arendt (2013) define a privacidade como um estado de privação, como uma subtração da realidade social, das relações sociais, de uma ausência de ligação com o mundo. Este estado não seria possível, em sua totalidade devido ao desamparo e por ser avesso à natureza humana, que é social. O privado e o público coexistem mutuamente e mais, a autora afirma que o desenvolvimento da ciência, cultura e conhecimento, se devem a esta coexistência.

Observa-se a profunda correlação entre público e privado, pois a propriedade privada, ou seja, local privativo era a condição de ‘ser’, considerando-se cidadão quem a possuísse e, por este motivo, admitido na vida pública da comunidade. O contrário da pobreza e não posse de

propriedade, que possibilitava apenas um caminho: o cerceamento da vida pública e a escravidão.⁵

Uma questão pertinente a está dissertação que se faz necessária inserir, se refere às ambiguidades da vida moderna e pós-moderna, entre as duas instâncias – pública e privada – que determinaram enormes mudanças políticas e sociais. Arendt (2013) afirma que, a linha que separa estas duas instâncias é difusa e tênue, pois as atividades da vida comum e as atividades relativas à manutenção da vida são assuntos que passaram e ser delegados e administrados pelo Estado, como se os cidadãos fossem uma gigantesca família que se insere em um grande lar – a Nação.

Arendt (2013) entende que estas duas instâncias – privado e público – por vezes se intercambiam: “[...] os dois domínios constantemente recobrem um ao outro, como ondas no perene fluir do processo da vida” (ARENDR, 2013, p.33). Este fator é importante, pois a correlação entre privado/público e os espaços das redes sociais virtuais, que também se interlaçam e se misturam, estão em constante processo de intersecção, comprovando as mudanças ocorridas nos espaços.

Além disso, é preciso ressaltar, devido às mudanças ocorridas, que os conceitos de público e privado também se modificaram, ou se mesclaram no antigo e tradicional conceito de propriedade: ruas, praças e espaços corporativos, também estão relacionados à oferta de serviços, e neste caso, muitos e novos espaços privados, semi-privados ou semi-públicos, assumiram a função de acolhimento da vida coletiva urbana. Abertos ao público, esses espaços, localizados no interior de áreas privadas e comerciais (shopping centers) ou condomínios residenciais, tornaram-se espaços urbanos de convivência (ROBA; MACEDO, 2003).

Madanipour (2003) afirma que a principal característica da vida urbana e dos cidadãos é a diferença existente entre o público e o privado, onde alguns espaços se mantem separados pelo convívio, havendo um conceito muito simples de cada um deles: os espaços privados somente podem ser visitados pelas demais pessoas, com a permissão de seus usuários e os espaços públicos, são acessíveis à todas as pessoas, sem restrições. O sistema privado é restrito ao seu uso, enquanto o público é irrestrito, sendo compartilhado pela comunidade e

⁵ A propriedade privada somente começou a adquirir tamanha relevância política a partir da modernidade, como também, vista como ‘sagrada’ e não como riqueza, pois a garantia de um espaço possibilita a manutenção sagrada da privacidade da vida (ARENDR, 2013).

sociedade. Este sistema em geral, forma o contexto da vida urbana, com significados compartilhados.

Aos espaços públicos estão implicados significados da organização da sociedade, abarcando questões de ordem dos espaços, das atividades, das informações e aos recursos, de forma irrestrita à sociedade.

Ao adentrar na vida urbana, Arendt (2012) afirma que, as relações públicas e privadas sofreram uma drástica mudança, visto que a separação entre estas instâncias passou a ser muito tênue e, a ‘liberdade’ (público) e as ‘necessidades’ (privado) passaram a fazer parte de um mesmo contexto, visto que a modernidade elevou as necessidades humanas ao plano de gerenciamento político do estado. Além disso, a sobrevivência e a busca de subsistência que antes era feita em espaços privativos, agora é feita em espaços corporativos e públicos.

A partir de que as necessidades humanas passam a ser de interesse e resolução política, os espaços públicos incidem a fazer parte da cena urbana com uma nova função da sociedade, nos movimentos sociais e das reivindicações que eclodiram com as revoluções (ARENDRT, 2012).

Também neste contexto, Castells (2003) afirma que as cidades e seus espaços passaram a participar dos processos dinâmicos e complexos, que envolveram conflitos, reivindicações, dominação, resistência, dinâmica de lutas de interesses, onde diversos atores sociais podem operar. Considera que os espaços públicos podem ser palco de mudanças e que fomentam a construção da sociedade.

Os espaços urbanos possuem elementos e características de facilitação de encontro, onde partes podem interagir com o todo (indivíduo com a multidão), onde o equipamento urbano pode ser o potencializador da promoção do embate social, onde interesses, necessidades e desejos podem ser discutidos, na busca de mudanças.

Da Matta (1997) utiliza a metáfora da casa e da rua para elaborar seus pressupostos em relação ao público e privado e também nos traz contribuições para os questionamentos relevantes nesta dissertação.

Considera público e privadas categorias sociológicas para o estudo da sociedade brasileira, desmarcando espaços geográficos e o domínio social em sua interface:

[...] a casa e a rua são categorias sociológicas para os brasileiros... [...] e estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas comensuráveis, mas acima de tudo, entidades morais,

esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DA MATTA, 1997, p.14).

A ‘casa’ se refere ao espaço privado, íntimo e a ‘rua’, ao espaço mais amplo e público, porém este autor também utiliza alguns conceitos brasileiros, dos quais afirma que a casa somente faz sentido quando em comparação com a rua. Os dois domínios estão em constante complementação e comparação (na interface): assim como alguns conceitos ‘de casa’ somente podem ser apreendidos quando contextualizamos naquilo que desejamos definir, pois os espaços públicos também podem ser a ‘casa’, quando, por exemplo, mencionamos que a Nação é o nosso lar. Isso pode gerar uma infinidade de combinações e entendimentos na representação social exigindo assim, sua contextualização. (DA MATTA, 1997).

Mendonça (2007) faz uma síntese conceitual dos espaços urbanos (a rua, a praça e o parque) afirmando que são estruturas formalmente constituídas, que demarcam as delimitações entre o público e o privado. A autora utiliza o conceito de Lamas em relação à rua que possui o objetivo de funcionalidade servindo de aporte para a mobilidade de bens, pessoas e ideias na organização da vida urbana.

Santos e Vogel (1985, apud Mendonça, 2007) destacam a rua como sendo um elo de ligação, possuindo aspectos de flexibilização de seus usos nos espaços urbanos.

Para esta dissertação, torna-se importante a definição das vias, pois sua apropriação diversificada na pós-modernidade, bem como no estudo de caso, dos ciclistas, demonstra aspectos significativos nas mudanças ocorridas na sociedade, amplamente utilizadas e compartilhadas, bem como, as praças e seus entornos.

Borba (2006) afirma que os espaços de transição também são espaços públicos, como os parques, praças, pois contribuem com a qualidade dos entornos e conseqüentemente com a qualidade das cidades.

Em relação aos espaços urbanos, na contemporaneidade, percebemos que seus usos foram se modificando e principalmente as praças abertas, ganharam outro significado, pois o que deveria ser ‘um projeto urbano para toda a cidade- centro vital da vida urbana’, com espaços para festas, jogos, comemorações, assembleias e a centralidade das cidades, encontros de uso habitual como no passado medieval,

tornou-se espaço de circulação de ar e luz e espaço de transição (SITTE, 1992, p.7), ou, encontraram usos variados, conforme os signos contemporâneos.

As circunstâncias da vida urbana modificaram-se ao longo do tempo e neste contexto, a importância ou o significado dos espaços públicos também se transformaram, em grande parte, devido à descentralização dos centros e por outro lado, devido à dispersão das atividades. O modelo antigo, ou seja, a Ágora da Grécia Antiga, centro econômico político e cultural, não mais podem ser contextualizados na atualidade. Os centros urbanos eram a centralidade de toda a atividade pública coletiva e nesta conjuntura, a promoção da coesão social. (MADANIPOUR, 2003 apud CUTHBERT, 2003)

Sitte (1992) afirma que países como a Itália, por exemplo, partes antigas das cidades foram preservadas e pode-se perceber claramente o objetivo das praças e dos espaços públicos nos tempos passados, com modelo de fórum, onde toda a vida pública urbana estava concentrada, e eventos eram realizados, aglutinando a comunidade e os cidadãos, nas diversas manifestações urbanas, de ordem secular e eclesiástica, sem distinções (SITTE, 1992, p.8).

[...] na vida pública da Idade Média e da Renascença houve uma valorização intensa e praticada nas praças da cidade e uma harmonização entre elas e os edifícios públicos adjacentes [...] enquanto hoje as praças se destinam, quando muito, a servir como estacionamento de automóveis, quase não mais se discutindo a relação artística entre praças e edifícios. [...] assim, pouco a pouco, notamos a ausência de tudo o que, até então, pode ser salientado como característica do esplendor das praças antigas (SITTE, 1992, p. 11).

Aqui no Brasil, os movimentos sociais adormecidos, a partir de 2013 novamente se inserem, com contextualizações diferentes, reivindicações distintas, renovando-se pelo instrumento de discussão nas redes sociais, como ferramenta incentivadora, discutindo os problemas contemporâneos e mobilizando a sociedade a reafirmarem-se nos espaços públicos (CASTELLS, 2013).

Neste contexto, os espaços públicos passaram a refletir novas representações sociais urbanas, possibilitando serem palco e cenário dos movimentos sociais, onde as questões privadas e públicas se interconectaram, permitindo construções e reproduções conjuntas da realidade, nas conjunturas e interlaces virtuais e reais.

Hobsbawn (1995) e Harvey (2012) mencionam que os movimentos sociais de esquerda passaram a ser sustentados pela representatividade (sindicatos), pois com a descrença nas ideologias sociais e utopias, os processos participativos da população foram gradativamente abandonados, provocando a alienação social o que se refletiu no esvaziamento dos espaços públicos, nesta conjuntura e função. Os espaços urbanos, até então utilizados como palco de representações dos movimentos sociais, perderam seu papel no cenário urbano.

Arendt (2013) afirma que o mundo moderno foi perdendo o foco deste importante princípio político revolucionário de igualdade, amplamente divulgado e compartilhado.

A autora parte do princípio da necessidade humana estar direta ou indiretamente em contato com a sociedade e envolvida com as causas sociais, e que, a vida humana somente é possível, através deste pressuposto, como também, os interesses comuns são mais fáceis de serem alcançados, quando houver esta aliança.

Neste contexto, novamente percebemos a necessidade da fomentação do uso dos espaços públicos e das relações sociais e que, esta prática não pode ser perdida na contemporaneidade, pois enriquece as relações sociais.

Em relação ao processo das gestões urbanas, percebe-se que as cidades são ambíguas na sua relação pública e privada, pois trataram de coibir ou mesmo, não promover espaços urbanos para as manifestações e movimentos sociais, como afirma Coelho (2001), como no caso de Paris, onde Haussmann embelezou e organizou a cidade, assegurando que o poder urbano do Estado, controlasse as manifestações públicas. A arquitetura remodelou as cidades de tal forma, que dificultou a manifestação das massas e as barricadas, modelando as cidades conforme interesses do controle social.

O uso dos meios de comunicação, informação e tecnologias disponíveis, propiciaram espaços virtuais sociais, novas ágoras urbanas, escopos públicos de discussão, que mudam os hábitos e forma dos relacionamentos, bem como, de atuação social. De alguma forma, em certa medida, a sociedade descobriu ou renovou novas ágoras de atuação como também, renova o uso dos espaços públicos, que dissertaremos no capítulo posterior.

Da Matta contextualiza a importância da participação social na vida pública:

[...] somos rigorosamente “subcidadãos” e não será exagerado observar que, por causa disso, nosso comportamento na rua (e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra) é igualmente negativo. Jogamos o lixo para fora de nossa calçada, portas e janelas; não obedecendo às regras de trânsito, somos até mesmo capazes de depredar a coisa comum, utilizando aquele célebre e não analisado argumento segundo o qual tudo o que fica fora de nossa casa é um “problema de governo”! Na rua a vergonha da desordem não é mais nossa, mas do Estado. Limpamos ritualmente a casa e sujamos a rua sem cerimônia [...] (DA MATTA, 1997, p. 19).

O autor propõe que, se quisermos modificar esta conjuntura inserida na ideologia brasileira, é preciso refletir sobre o que provoca ‘tanta imobilidade social e política’, pois polarizando estes dois mundos e a forma singular e diferenciada de viver em cada um deles, se mostra consequentemente negativa para o bem-estar social.

Para Da Matta (1997), o importante é estudar aquilo que está no meio, que se insere que conecta entre o público e o privado, o que faz com estas duas entidades – a casa e a rua - estejam em relação ou oposição. Este estudo sem dúvida possibilitaria o progresso social, onde os sujeitos são determinantes de suas mudanças em sociedade e para a sociedade. Pouco importa se é o contexto privado ou público, casa ou rua, direita ou esquerda, amigável ou legalista, mas sim, como inventar um espaço social/público onde sujeitos se apoderam do desenrolar de seus processos sociais.

O que está no meio? Não seriam os espaços (físicos ou virtuais) e as relações sociais, pontos de intersecção destes dois mundos polarizados, em dicotomia ou mesmo em complementação? As ruas, as avenidas, as calçadas, os parques e as praças configuram estes espaços de intersecção na atualidade?

É com este objetivo, que introduzimos a questão das redes sociais virtuais (*Facebook*), instrumento contemporâneo de encontro inicial, facilitador dos processos e movimentos sociais mediáticos com maior abrangência social na atualidade, na busca de novas políticas urbanas, intercambiando público e privado, promovendo novos cenários de mudanças. As redes sociais incentivam este papel, bem como, podem fomentar as discussões e engajamento político da sociedade, bem como, podem promover a retomada os espaços públicos.

Assim, a sociedade pós-moderna novamente pode se apropriar e acima de tudo, vivenciar os espaços urbanos, onde questões de cidadania

são discutidas e articuladas conforme o desejo de mudanças e, apesar dos movimentos sociais perderam sua força nos moldes da modernidade, e, por um longo período, desaparecerem, estão sendo recriados e revitalizados nas redes sociais, instrumentos de identificação nas reivindicações sociais (CASTELLS, 2013).

As discussões neste novo palco, não mais se referem às questões trabalhistas, mas sim, questões de anseios de políticas urbanas agregadoras, de segmentos sociais que se identificam em suas práticas e vivências.

A priori, somente em detrimento destes conceitos, percebem-se os conflitos existentes em relação ao assunto, bem como, às disputas sociais frente a estes espaços, que Lavallo (2005) ressalta:

A configuração do espaço público parece ser produzida na conjugação de capacidade e processos históricos em que coincidem e se descompassam a universalização institucional do Estado, a auto-organização da sociedade como determinação permanente da ordem pública e as formas de intermediação comunicativa com sentido público. No cerne de tais coincidências e descompassos cristaliza-se historicamente aquilo que sintetiza toda a relevância do espaço público: quem tem direito a ter direitos e como conquista, realiza e preserva esses direitos (LAVALLE, 2005, p. 41).

Em relação à legislação e demarcação dos espaços, foi somente em 1850, a partir do parcelamento dos solos (Lei de Terras de 1850), que se passou a demarcar frações no sistema de compra e venda de propriedades, e, em decorrência, delimitar espaços públicos no Brasil. De um sistema antigo de concessões da Coroa, para o processo de demarcação de compra e venda, o parcelamento do solo possibilitou o início da demarcação e diferenciação dos espaços urbanos.

Um fator na indefinição nas normativas ainda existentes, são as prerrogativas do poder público que se utiliza destas áreas, para fins como permutas, pagamentos de indenizações, doações, assentamentos populacionais, conforme critérios partidários, refletindo diretamente na baixa utilização das áreas urbanas para os fins que seu potencial deveria ser dirigido: áreas de utilidade pública. Mencionadas pela mídia diariamente, refletem múltiplos interesses que definem a utilização destas áreas.

Segundo Lavallo (2005), o conceito espaços públicos envolve significados que englobam conceitos sociais, políticos e de

comunicação, permitindo polissemias na sua configuração e utilização, e a apropriação social envolve conhecimento e comunicação, reivindicando e necessitando do debate público de uso, como é o caso em Florianópolis, da Ponta do Coral, pressuposto que vem de encontro à esta dissertação. Os grupos das redes sociais, recorte que analisamos, significam os espaços conforme suas vivências e interesses.

Neste contexto, percebe-se que na pós-modernidade se retoma a crítica e o conceito de urbanidade, voltada para os espaços públicos, onde os mesmos deveriam privilegiar zonas de contato direto com toda diversidade que a vida contemporânea representa que, em sua gênese, com este objetivo foram concebidos.

Contrariando e acusando a deserção dos espaços públicos modernos pelas políticas urbanas falhas, a nova gestão urbana promove a ideia de contato, de conflitos, de tolerância, de diferenciação, de construção das mudanças pelo diferente raciais, étnicas, econômicas, culturais, políticas, ou seja, com todos os aspectos inerentes da sociedade contemporânea (JACOBS, 2000).

Percebeu-se que, a forma que os espaços são concebidos, promovem a desigualdade social e a violência urbana, presente e intensificada na pós-modernidade e, neste cenário, a promoção da vida pública precisa se renovar, pois as cidades precisam novamente se inserir no ‘Oasis de sociabilidade’ (BURKE, 1997, apud SANTOS e DEL RIO, 1998).

Estas questões são constantemente discutidas nas redes sociais.

Jacobs (2000) afirma que as soluções para os problemas urbanos são os ‘olhos da rua’ que promovem o uso adequado pela sociedade de seus espaços, de forma participativa e com modelos e projetos adequados e, ao contrário, seu esvaziamento ou mau uso, possibilita que a violência urbana e a degradação imperem, e neste contexto, abrangendo neste conceito, uma sociedade mais participativa nos cuidados dos espaços públicos.

Se as gestões urbanas e a sociedade respeitarem e fomentarem está diversidade, privilegiando a ocupação, os benefícios e contribuições podem reverter processos negativos avançados.

A violência urbana e a degradação do meio ambiente também são aspectos que precisam ser considerados na apropriação ou abandono dos espaços urbanos em geral, e podem refletir a forma como os indivíduos lidam com as questões coletivas e públicas. Sendo que, no Brasil, como afirma Da Matta (1997), não as considerando patrimônio também seu, nos aspectos que abordamos, em relação à casa e a rua.

Também deve ser levado em conta na atualidade, a dificuldade de vivenciar alguns espaços individualmente, pelo risco de assaltos e violência que se insere na vida urbana, na qual o Estado se mantém pouco efetivo em suas políticas de proteção.

Um estudo muito interessante em relação aos espaços públicos abandonados ou mal utilizados foi criado em 1969, na Universidade de Stanford (EUA), onde se realizaram experiências, utilizando as Teorias da Psicologia Social.

Neste experimento, foram abandonados dois carros idênticos (mesmo ano, modelo e cor) em dois espaços urbanos antagônicos: um na zona do Bronx, área pobre e de extremo conflito e degradação em Nova York e outro, em Palo Alto – Califórnia, conhecida área de moradias de pessoas da classe de alta renda, com baixíssimos índices de violência, ou qualquer tipo de conflito.

O objetivo da pesquisa era verificar como duas populações diferentes, em espaços urbanos distintos, se comportavam em relação ao abandono do carro e de que forma, a violência urbana/ ou delinquência se instaurava.

[...] resultou que a viatura abandonada em Bronx começou a ser vandalizada em poucas horas. Perdeu as rodas, o motor, os espelhos, o rádio, etc. Levaram tudo o que fosse aproveitável e aquilo que não puderam levar, destruíram. Contrariamente, a viatura abandonada em Palo Alto manteve-se intacta (2014). (WILSON; KELLING, 1992).

Em um primeiro momento, poder-se-ia supor que, a depredação do carro no bairro do Bronx estaria associada à pobreza, bem como ao tipo de população que nele habitava, ao contrário de Palo Alto. Porém, os pesquisadores, não satisfeitos com esse resultado inicial, continuaram com seus experimentos: quebraram um vidro do automóvel de Palo Alto e aguardaram o resultado.

O mesmo processo de depredação e vandalismo se instaurou neste episódio, similar ao do bairro pobre do Bronx. Um vidro quebrado deflagrou todo um processo de depredação e vandalismo, demonstrando que aspectos da percepção e psicologia humana e relações sociais estavam implicados neste processo.

O vidro quebrado supostamente conduziu a população a um comportamento e percepção de abandono, desinteresse frente aos objetos ou patrimônios e de ausência de regras, fomentando condutas

que possibilitem à infração de normas. O processo se desenrolou de tal forma, que, a cada desvio de conduta no veículo e sua deterioração, avançava ainda mais a depredação e sua degradação, reafirmando que é possível uma ‘escalada de atos cada vez piores’ (WILSON; KELLING, 1992).

Este experimento desenvolveu a ‘Teoria das Janelas Partidas’ (WILSON; KELLING, 1992) por psicólogos sociais, que perceberam que os delitos praticados em espaços públicos, podem estar relacionados ao descaso, descuido, abandono, desordem e decadência dos espaços. As comunidades que apresentam maiores índices de deterioração dos espaços urbanos são paralelamente as mais vulneráveis a receber atos de vandalismo, pois se supõe que ninguém se importa com estes espaços e que, nenhuma medida é tomada para coibi-los.

Neste sentido, os espaços públicos deteriorados enfrentam um processo de abandono progressivo, pois é um espaço ocupado por delinquentes e vândalos, o que coíbe a presença da maioria das pessoas, um processo sistêmico que caminha de forma paralela e simultânea (WILSON; KELLING, 1992).⁶

Jacobs (2004) menciona que as mudanças nas relações familiares, as disfunções familiares e das comunidades, e o processo de modernização, que transformou bairros inteiros em avenidas, vias expressas e shoppings centers, privilegiando única e exclusivamente para os automóveis e empurrando as famílias para os subúrbios, desfazendo os vínculos comunitários, fonte de importantes contatos sociais, são problemas sérios na vida urbana.

Os espaços públicos, antigo reduto dos encontros familiares e comunitários, importantes na formação dos filhos e preservação de identidade e transmissão de valores, foram se esvaziando e desaparecendo, ou substituídos pelo mau uso.

Os espaços urbanos por excelência são lugares de encontro, de confronto, de cultura, do popular, do erudito, de possibilidade de

⁶ Na prática, esta teoria foi utilizada nos anos 80, na cidade de Nova York, onde se começou a combater todos os tipos de delito, inclusive os ‘menores’ e os resultados foram surpreendentes.

Inicialmente, os delitos foram coibidos no metro e mais tarde, na década de 90, o prefeito Rudolph Giuliani, que ficou conhecido no mundo todo, introduziu o conceito de ‘tolerância zero’ a toda cidade em todos e quaisquer delitos que fogem às regras e leis estabelecidas. Tratou-se de “criar comunidades limpas, ordenadas, respeitadas da lei e dos códigos básicos da convivência social humana” (WILSON; KELLING, 1992).

alinhamo do emaranhado pós-moderno entre o privado e o público (MOGIN, 2009).

Santos (2000) apresenta propostas efetivas para as gestões urbanas contemporâneas, afirmando que a multifuncionalidade dos espaços privados e espaços públicos são respostas às enormes transformações que o consumo urbano instaurou, sendo que as tecnologias de informação e comunicação são um dos instrumentos sociais que possibilitam este processo.

Para o autor os lugares são os espaços da ‘existência e coexistência’, espaço real da única possibilidade humana de resistir aos “processos perversos do mundo dada à possibilidade real e efetiva da comunicação, logo da troca de informação, logo da construção política” (SANTOS, 2005, p.253).

Estes mecanismos poderiam incrementar e fomentar a vida urbana, onde os espaços urbanos novamente seriam utilizados, agraciando desta forma toda a sociedade, pois os maus usos dos espaços urbanos seriam coibidos.

O lugar é proposto como sendo o espaço do acontecer solidário. Estas solidariedades definem usos e geram valores de múltiplas naturezas: culturais, antropológicos, econômicos, sociais, financeiros, para citar alguns. Mas as solidariedades pressupõem coexistências, logo pressupõe o espaço geográfico (SANTOS, 2005, p.8).

Spirn (1995) critica em ‘Jardins de granito’ o modelo de planejamento urbano da modernidade, que esquece que as cidades são acima de tudo, criações humanas para as pessoas. Sugere que os problemas urbanos, não são maiores nem diferentes dos que afetavam as cidades antigas, a não ser pela sua dimensão e maior complexidade.

Porém as categorias que antes eram usadas na avaliação das intervenções urbanas e dos espaços públicos precisaram ser revisadas para absorver os novos comportamentos e mudanças sociais, e, elaborar e dirigir projetos devem estar pautados na previsão de futuro incerto e nos processos de transformação e construção das cidades e sociedade.

De acordo com Jan Gehl (2010), planejador urbano dinamarquês, que introduziu novas fronteiras em seus projetos (sociologia, psicologia, arquitetura e planejamento), autor do livro "*Cities for People*", os espaços urbanos são muito simples de serem projetados, analisados e comprovados na sua apropriação, podendo ser avaliados, respondendo duas perguntas que envolvem o comportamento humano: “- Podem crianças viver nestes espaços em questão? – Podem idosos viver uma boa velhice nestes espaços?”

Sendo que, ‘a resposta afirmativa a estas duas questões, válida a concepção positiva do espaço, não sendo necessário mais qualquer outro exercício de análise’ (GEHL, 2010, p. 104).

Estariam os espaços públicos em declínio, como afirma Sennet (1999) ou simplesmente em um processo de transição e necessitando de reconfiguração, com projetos mais adequados ao processo e contexto atualizado da sociedade?

Os grupos virtuais possuem a capacidade de criar movimentos de apropriação dos espaços, através das redes sociais?

As mudanças nos relacionamentos, pode contribuir, de forma efetiva, para a construção de novos significados dos espaços urbanos?

Os espaços públicos estão sendo vivenciados de uma maneira diferente e acima de tudo, interativa, utilizando-se as redes sociais como forma de promoção da vida urbana, impelidas por diferentes conjunturas.

Os grupos por outro lado, composto por indivíduos que se identificam com características comuns, culturais, econômicas e sociais, promovem a interação e revisitação destes espaços, desenvolvendo novos olhares e novas formas de vivências.

As administrações urbanas precisam se atentar às mudanças, contextualizando os novos comportamentos sociais e suas necessidades.

2.3. As redes sociais na construção e apropriação do espaço urbano

Nesta dissertação, mencionaremos um dos instrumentos das redes sociais, o *Facebook*, conforme justificativa inicial, procurando discutir os processos efetivos da apropriação dos espaços urbanos por grupos e pessoas, no que se refere à auto-organização e conscientização dos processos sociais. Desta forma, implicadas na procura de intervir na vida urbana, em reivindicações de políticas públicas, bem como, na apropriação dos espaços urbanos, denotam-se mudanças significativas na sociedade.

Estes grupos utilizam a *internet*, como instrumento de facilitação do encontro, promovendo-os nos espaços urbanos, reivindicando mudanças, no contexto do cenário urbano. Além de reivindicarem mais segurança nas vias, os encontros são uma característica marcante destes indivíduos, apropriando-se dos espaços públicos, conforme figuras a seguir:

Imagem 2. Movimentos sociais dos ciclistas, para mudanças nos projetos urbanos, reivindicando ciclovias.



Foto André Righetto.

Imagem 3. Pedaladas mensais (última sexta do mês) reivindicando ciclovias.



Foto da autora.

Imagem 4. Evento da ‘Bicicletada’ ocorrido em 14/03/2015, pedindo melhorias no sistema ciclo viário de Florianópolis.



Foto Luís Antônio Peters.

Imagem 5. Participantes da ‘Bicicletada Floripa’ em 14/03/2015, alguns pedalarão nus, para atrair a atenção ao evento.



Foto Luís Antônio Peters

Além de intervir na mobilidade urbana, aspecto político de suas reivindicações, representam nesta dissertação, as mudanças sociais exercidas pela sociedade que utiliza a internet como instrumento de discussões para marcar encontros, na busca do convívio coletivo, apropriando-se dos espaços públicos como vias, praças, parados, com novos olhares e descobertas, promovendo vivências urbanas. Os grupos compartilham estes olhares, discutem os espaços e acima de tudo, procuram desenvolver encontros sociais e vivências urbanas.

A apropriação dos espaços urbanos torna-se uma prática cotidiana e neste contexto, de encontro e convívio, para os chamados ‘pedais’ em grupo, recorte de nossa dissertação.

Harvey (2013) destaca estes aspectos da tecnologia de informação, presente no cotidiano da vida contemporânea de uma forma intensa e globalizada, e que, a importância deste fato alterou de forma ampla o funcionamento do mundo, em inumeráveis segmentos da economia, cultura e relações, resgatando e trazendo consigo um fator da gênese humana: os relacionamentos, nos espaços virtuais – os ciberespaços.

Neste contexto, percebe-se que a contemporaneidade encontrou um caminho, perdido pela cotidianidade urbana, as redes sociais, que pressupomos podermos denominar de uma nova ágora, escopos de praças públicas, onde se podem discutir questões pertinentes à urbanidade, nas suas reivindicações sociais, suas demandas, seus desejos, conflitos urbanos, na busca constante por mudanças.

A reivindicação de espaços, sempre em estado de mutação e transformação também se tornam temas recorrentes das redes sociais.

Os grupos sociais virtuais, de lazer ou associados aos movimentos sociais, participativos, nas reivindicações às gestões urbanas, refletem este processo. Suas causas, dificuldades, avanços, reclamações e exigências, estão postados dia-a-dia, clamando para serem atendidas.

Augé (2012) nos privilegia com a questão da atualização diária e constante (utilizada pelas redes), afirmando que ocorreram três grandes transformações na sociedade moderna e pós-moderna, que implicaram em mudanças significativas na sociedade: o tempo, o espaço e o indivíduo.

Por tempo, o autor considera que ocorreu a mudança de percepção de tempo na sociedade, pela maneira que se faz uso e disposição dele afirmando: a história é feita no presente, todos os dias, pela multiplicação e superabundância de acontecimentos que abarcam o

dia a dia dos indivíduos, disseminada pelos meios de comunicação (AUGÉ, 2012).

Esse contexto é mediado e atualizado dia-a-dia pelo uso tecnológico da internet, que possibilita acesso aos meios de comunicação mundiais, interligando e intercambiando os avanços científicos, novidades, notícias, promovendo relacionamentos, etc. em velocidade quase momentânea, em tempo real.

O presente capítulo não possui o objetivo de relatar minuciosamente todos os aplicativos e redes sociais que estão à disposição aos usuários da internet, porém se detém especificamente à rede social *Facebook*⁷, canal que a mídia considera, o mais popular e mais amplamente utilizado por todas as camadas sociais, ressaltando principalmente alguns aspectos facilitadores das relações sociais⁸, as modificações e novos hábitos. Também em relação ao uso dos espaços públicos.

A empresa afirma: “Fundada em 2004, a missão do *Facebook* é dar às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e

⁷ Atualmente (2014), o site de relacionamentos *Facebook* é considerado o maior e mais popular do mundo, e foi lançado em 2004, por jovens estudantes de universidades americanas: Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes. Sediado em Palo Alto – Califórnia, sua popularidade e rápida adesão por milhões de usuários por todo o mundo se deve à facilidade, rapidez e abrangência de encontro e comunicação de pessoas, que estão conectadas por uma rede de *internet*. No início, seus criadores, lançaram um aplicativo que estava disponível aos alunos de Harvard, porém, devido seu sucesso e adesão, proliferou-se pelo mundo afora.

O objetivo inicial dos mentores deste aplicativo era que, os colegas e alunos tivessem acesso a um site de relacionamentos que possibilitasse comentários de aulas e festas, compartilhamento de fotos, acesso a pessoas para encontros, ou seja, um espaço virtual que permitisse interação entre amigos, que centralizasse a vida dos estudantes e suas interações universitárias, próprias da época. Este era o objetivo inicial do *Facebook*: “ajudar as pessoas a se comunicarem com mais eficiência com seus amigos, familiares e colegas de trabalhos” (*The Social Network* – filme, 2010). O aplicativo foi se popularizando sendo que, seus criadores afirmam que em um ano, mais de um milhão de pessoas e inúmeras instituições, se tornaram usuárias neste curto espaço de tempo, demonstrando um sucesso estrondoso, que não havia sido previsto. Em setembro de 2006, somente dois anos após seu lançamento, foi enfim aberto ao acesso irrestrito, para qualquer usuário interessado, expandindo-se numa progressão geométrica sem precedentes na história virtual.

⁸ Sequência de acessos e Ranking: 1º. *Facebook* – 1.191.373.339 de visitantes por mês; 2º. *MySpace* – 810.153.536 3º. *Twitter* – 54.218.731

conectado. As pessoas usam este aplicativo para ficar conectadas com amigos e familiares, para descobrir o que está acontecendo no mundo, e para compartilhar e expressar o que importa para eles”.⁹

Neste contexto, Castells (2013) propõem que as redes sociais sejam ‘espaços de autonomia’, sem nenhum vínculo corporativo, econômico, político ou suscetível a censura, como se considera que é o caso do jornalismo e da mídia atual, geralmente alicerçada no poder e dos interesses próprios e considera: “os espaços virtuais são espaços seguros para qualquer tipo de manifestação” (CASTELLS, 2013, p.3).

Castells (2013) lembra que a insatisfação generalizada da sociedade, com condições insustentáveis da vida cotidiana, confluindo com o descontentamento em relação aos governantes, muitas vezes surdos às reivindicações de questões sociais, são os principais fatores que deflagram mudanças e movimentos sociais, com ações coletivas, que utilizam os espaços públicos para os processos de mobilização, alicerçados pelas redes.

Este processo de mobilização envolve ações individuais e coletivas, motivadas por emoções, que, desenvolvidas simultaneamente em comportamentos nas ações urbanas, são decisivas no gatilho das manifestações. Quando as manifestações crescem e se alastram e mais pessoas se juntam ao movimento, a motivação original pode ser substituída pelo entusiasmo, o que promove adesão e mobilização social (CASTELLS, 2013).

A rede virtual parece ser o local de discussões e adesão aos movimentos, que possibilitam a troca de informações, desenvolvendo identificações e sentimentos de companheirismo, possibilitando a busca organizada da manifestação pública dos interesses coletivos, fruto da cooperação, solidariedade e confiança (CASTELLS, 2013).

As redes sociais e, especificamente o *Facebook*, parecem estar construindo um novo significado de coletividade e estão cumprindo um papel importante, muito interessante neste contexto, promovendo o ajuntamento urbano.

O uso dos espaços públicos, bem como, um processo de adesão a vários movimentos tem sido implicado com esta articulação e instrumento da contemporaneidade, haja visto que é preciso aprofundar os estudos e pesquisas neste sentido. No caso dos

⁹ Fonte: <http://www.tecmundo.com.br/facebook/49934-10-anos-de-facebook-a-historia-e-as-transformacoes-da-rede-social.htm> 06/03/2014.

ciclistas, as discussões em rede são diárias bem como, a apropriação dos espaços públicos.

O *Facebook* tem sido decisivo em inúmeros movimentos¹⁰ deflagrados em todo o mundo, como por exemplo, na Praça de Tahrir - Egito, Praça Taksim – Turquia, alastrando-se rapidamente por vários países, como no caso da Islândia, construindo discussões, dividindo opiniões, ideias, descontentamentos, e abrindo caminho para as manifestações nos espaços públicos na pós-modernidade (CASTELLS, 2003) conforme imagem a seguir:

Imagem 6. Praça de Tahrir



Fonte: Google, 2015.

¹⁰ Nos episódios citados, à medida que a rede enviava imagens, informações e medidas de coerção do Estado eram acionadas, mostrando as manifestação e humilhações sofridas pela sociedade, o poder se mantinha numa postura arrogante e punitiva. Isso provocou o efeito reverso, aumentando ainda mais a exposição das manifestações que se alastravam epidemicamente, numa espécie de ‘centelha de fogo’, tendo a paisagem das cidades como palco. Os árabes e seu processo de revolução social e política, foram os primeiros a aderir esta ferramenta para articular rebeliões contra os governos corruptos e tirânicos, depois, Espanha, Grécia, Portugal, Grã-Bretanha e Itália também aderiram a movimentos fomentados pelo aplicativo, como forma de se posicionar contrariamente à crise econômica ocorrida na Europa e EUA. Israel, em seguida, com inúmeras demandas populares nunca antes ocorridas historicamente, também foi palco de manifestações articuladas pelo Facebook (CASTELLS, 2013, p.8).

As grandes mudanças instauradas pelos movimentos sociais em rede foram uma surpresa para a maioria dos pesquisadores e demais estudiosos que tentavam entender as lideranças e reivindicações dos movimentos: não havia líderes inicialmente, como também, não havia bandeiras de partidos políticos e com manobras iniciais de organização, feitas nos espaços virtuais, demonstrando grandes mudanças de comportamento na atualidade (MARICATO, 2013) (Conforme imagem 7).

Imagem 7. Manifestação ocorrida nos movimentos sociais no Brasil, em junho, 2013.



Fonte: Google, 2015.

As características mais marcantes dos movimentos são similares em todo o mundo:

[...] o desejo de uma humanidade melhor'; se alastraram rapidamente com imagens pelo mundo; não tinham nenhum vínculo com partidos políticos; sem lideranças (apresentando características de democracia); uso da internet como espaço virtual de discussões e debates, bem como, de estratégias de agendamento de pontos de encontro urbanos para sua manifestação (CASTELLS, 2013:9).

Castells (2013) menciona que ainda é muito cedo para analisar as mudanças sociais promovidas por estes movimentos, bem como, de estabelecer quais os caminhos que as políticas públicas percorrerão na prática, porém algumas questões são indiscutíveis desde já: a insatisfação da população frente a governantes que utilizam o poder para benefício próprio e gerenciamento urbano para o favorecimento de segmentos da sociedade.

As políticas urbanas atuais, questionadas, não mais se sustentam, bem como, nenhum governo, por mais fechado seu sistema político, é capaz de coibir os espaços cibernéticos e a magnitude de seu poder de abrangência.

O mundo pós-moderno encontrou um canal de encontro coletivo, através das redes virtuais, que possibilitou o engajamento e as lutas por mudanças sociais.

Ocorre que, através desse mecanismo, constroem-se significados coletivos de natureza política, limitando a manipulação de instituições políticas e administrativas e seu poder de coerção.

O poder de comunicação das massas potencializou os movimentos, dando novos significados às reivindicações e conscientização de direitos legítimos.

Castells (2013 p.11) afirma: “as redes de comunicação são fontes decisivas de construção de poder (social), permitindo a construção de contra poder, em relação ao poder exercido por governos corruptos e tirânicos”.

As redes, além de estimular o debate e permitir a expressão individualizada (palco das redes) bem como, a expressão de sentimentos individuais frente às questões políticas de discordância com a realidade, compartilhadas, mesmo que projetando uma democracia que pode ser utópica, constrói novos significados sociais.

Por sua característica de interação e livre expressão, possui um alcance muito maior do que os antigos movimentos sociais e uma adesão também, de maior alcance (CASTELLS, 2013).

Neste contexto, podemos afirmar que as redes sociais virtuais permitiram a interatividade e retomada da confiança da sociedade nas informações que eram repassadas mundo afora, criando uma nova espécie de gênero da era digital, participativa e organizada, bem como, des-hierarquizada: “[...] essa estrutura descentralizada maximiza as chances de participação no movimento.” (CASTELLS, 2013, p.160) na era pós-moderna, onde o descrédito político e a individualidade se instauraram.

Sugere-se que os espaços virtuais são ao mesmo tempo privados como públicos e que, possuem características similares destes dois espaços urbanos.

Ao mesmo tempo em que permitem a individualidade e a privacidade, expõe de forma pública, sentimentos e ideias coletivas, permitindo que o mecanismo de feedback construa o debate de ideias e formas inovadoras de convivência urbana, como também, na promoção de ações coletivas, conforme os constructos teóricos abordados nesta dissertação.

Além disso, permite a renovação dos espaços públicos como sendo palco dos movimentos e reivindicações sociais, há muito esquecidos e adormecidos, com a adesão de um maior número de indivíduos, pelas questões de identificação, facilmente e rapidamente alcançados.

Estes dois instrumentos – redes sociais virtuais e espaços urbanos - permitem a facilitação de processos de mudanças, de encontro aos desejos sociais, que demonstram mudanças significativas no comportamento social de retorno da coletividade e relacionamento social nos espaços públicos.

Por se tratar de um estudo dos espaços públicos e mudanças dos comportamentos sociais da contemporaneidade, procurou-se destacar os movimentos que envolvem o retorno aos ambientes urbanos.

Assim sendo, pode-se perceber que as manifestações grupais e neste sentido, nos atemos aos grupos de ciclistas da cidade de Florianópolis, que além de utilizarem o *Facebook* para marcar encontros cotidianos entre os usuários para as ‘bicicletadas’ e eventos nos espaços urbanos, também participam de movimentos reivindicatórios em relação às ciclovias.

Aspectos políticos de participativos parecem estar ressurgindo na vida urbana, e os fatores que contribuem para tanto, precisam de estudos aprofundados, não sendo o objetivo principal desta pesquisa.

Isto sem dúvida demonstra um engajamento de cidadania e em movimentos políticos participativos para pressionar as gestões públicas.

Como exemplo, apresentamos alguns grupos de ciclistas em Florianópolis, que ocupam os espaços urbanos e reivindicam projetos urbanos de ciclovias, opção modal da contemporaneidade, como bandeira participativa, nas dificuldades de mobilidade urbana.

Destacamos inicialmente o evento do dia 19 de maio de 2014, protagonizado pelo grupo “Bicicleta na Rua”¹¹, (conforme Imagem 8.), com uma audiência pública em relação ao sistema ciclo viário em Florianópolis.

Este grupo debate online, via *Facebook*, eventos em relação ao assunto, que ocorrem em Florianópolis, bem como em outros locais, tais como audiências públicas em relação à legislação, audiências públicas em relação a projetos, alugueis de bicicletas, obras de melhorias de ciclovias, etc.

Imagem 8. Audiência Pública ocorrida em 19 de maio de 2014- ACOJAR.



Foto Luiz Antônio Peters.

Outro grupo em evidência é a Associação de Ciclo usuários da Grande Florianópolis, que procura conscientizar a população de questões como: o que são ciclovias; direitos e deveres dos usuários, informações sobre as vias ciclísticas da cidade e condições de uso, bem como extensão e avaliação, manifestações e petições, eventos, entre outros.

Além disso, o grupo promove encontros mensais dos usuários, como forma de promover a participação na apropriação dos espaços e nas políticas públicas urbanas, com passeatas e ‘apitaços’. Um dos

¹¹ Fonte: *Site* Bicicleta na rua.

eventos marcantes deste grupo foi a participação da audiência pública ocorrida em 14 de agosto de 2014, apresentando o Relatório de Pesquisa: Bacias Cicloviárias: interpretação e aplicação em Florianópolis.¹²

Um grupo também participativo nas mobilizações urbanas, com as mesmas características, atualmente com um total atual de 2.775¹³ membros, o grupo “Bicicletada Floripa”, que além de promover ‘pedaladas’ cotidianas pela cidade, reivindica direitos aos usuários de bicicletas (Grupo em defesa da bicicleta como alternativa de transporte) tem como lema:

“[...] neste nosso pedacinho de terra perdido no mar: Bicicleta não é só lazer e esporte: se divertir e ficar em forma são somente consequências do uso dela no seu dia a dia. Tire a poeira da sua bicicleta! Vá ao trabalho, mercado, shopping, faculdade, faça tudo de bicicleta. Uma outra vida é possível sem a bolha motorizada, e você não precisa ser atleta nem andar de "roupitcha"!).

Este grupo também promove passeios ciclísticos (bicicletadas) noturnos, como forma de apropriação dos espaços urbanos e de mobilização social no uso de modais para a mobilidade urbana.

O grupo também é engajado nas promoções e políticas nas manifestações públicas e nos espaços urbanos, reivindicando ações para as administrações públicas em defesa dos ciclistas e pedestres, além de promover encontros e relacionamentos e vivências urbanas, conforme imagens a seguir:

¹² Site Via ciclo.

¹³ Atualização em 07.01.2015: Página no *Facebook* do grupo Bicicletada Floripa.

Imagem 9. Pedaladas mensais nas reivindicação e apropriação dos espaços públicos.



Foto Daniel Acosta.

As redes sociais permitiram um novo canal de produção e de construção de significados, de valores e objetivos em relação aos desejos da sociedade, expressando que transformações almejam e que cidades aspiram viver, possibilitando a organização livre, democrática, bem como, a fomentação de um novo espaço virtual e físico da sociedade em busca destes objetivos.

A rapidez, a amplitude, a acessibilidade, a coletividade, a auto capacidade de controle e de definição, bem como, a modulação social no gerenciamento da produção de significados, permite que feedbacks sejam lançados imediatamente após comentários, articulações e ponderações, preponderando aspectos coletivos dos encaminhamentos e interesses que se deseja socialmente. Além disso, permitiu que os espaços públicos fossem novamente retomados como palco de reivindicações, dando um novo significado ao urbano.

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnologicamente e

culturalmente, comunidades instantâneas de práticas transformadoras (CASTELLS, 2013, p.16).

Neste contexto, mencionamos as afirmações de Silva (2001), no que condiz aos usos da *internet*, que nela se insere a criação de um novo espaço antropológico, considerado um instrumento para refletir sobre a realidade e analisar a sociedade e suas mudanças e os novos espaços públicos que cria.

Este autor também reflete sobre um questionamento comum no campo crítico dos urbanistas: - estamos em face da virtualização dos espaços públicos (SILVA, 2001)? Nesta dissertação, procuramos elucidar que a virtualização está facilitando a apropriação dos espaços físicos e encontros, sejam eles reais ou virtuais.

Esta nova ‘ágora’ virtual pertence a lugar nenhum dos paradigmas vigentes, híbrido por natureza, lugar de ambivalências, de compartilhamentos, de produção e reprodução, de nacionalidade e cosmopolitismo, um espaço amplo, com novos mecanismos de negociação, decisão e cooperação. São mudanças paradigmáticas relacionais sociais, que podem determinar novos espaços públicos urbanos, gerando proximidade representacional, podendo se transformar em uma ‘nova praça pública’ virtual e física (SILVA, 2001).

Em relação à comunicação, estudos mostram que a comunicação mediada pela internet trouxe inúmeros benefícios transformadores e novas consequências culturais de formas de sociabilidade:

“[...] estamos criando um espaço no qual o povo do planeta pode ter [um novo] tipo de relacionamento [...]”, sendo que William Mitchell (1995, apud CASTELLS, 1999, p. 443) é convincente ao afirmar que estão emergindo on-line novas formas de sociabilidade e novas formas de vida urbana, adaptadas ao nosso novo meio ambiente tecnológico.

Em nenhum momento da história da humanidade, como a contemporânea ou pós-moderna, é possível perceber a dialética da comunicação em sua forma tão abrangente, não mais linear, de um comunicador para muitos leitores ou ouvintes, mas sim, de muitos comunicadores e informadores para muitos outros comunicadores e informadores. Produto e produtores de notícias e comunicação estão se expressando e ao mesmo tempo, questionando desejos,

necessidades, pensamentos, críticas e posicionamentos da ordem pessoal, social, cultural, política, econômica, religiosa, etc.

A transformação e mudança da comunicação ocorrem em todas as esferas sociais, em magnitude sem precedentes. Os cidadãos comuns são mais rápidos em informar em comparação às agências de notícias. A internet se transformou no veículo de “transporte” das demais fontes e canais de informação.

Além das questões de ordem política, há um movimento de retorno à busca dos grupos na atualidade, como demonstram os movimentos sociais no *Facebook*, nas identificações e vivências urbanas de retorno aos espaços públicos. Academias, espaços fechados, espaços semi-públicos entre outros, não suprem as necessidades do cidadão contemporâneo.

Seria então um modo de proteção e também, uma forma de ser ouvido, no meio da multidão urbana? Seriam mudanças em relação à valorização exacerbada da autossuficiência, mencionada por Sennet (1997), contrariando aspectos individuais e uma busca de vínculos? A solidão e a individualidade estariam com ‘os dias contados’ na cultura pós-moderna? Os espaços virtuais das redes sociais não seria este novo palco, está nova maneira de intercâmbio, democráticos, que podem enriquecer a vida pública e reforçar os laços e as interações sociais?

A hipótese da presente pesquisa indica que pode haver uma relação entre a necessidade de proteção, o desejo de estar com grupos, desejo de exercício físico, aventuras na cidade e a fuga dos lugares comuns, o que remete ao uso das redes sociais como ferramenta dos encontros.

3. Os grupos de ciclistas formados no Facebook e sua apropriação urbana

Foram analisados três eventos, para verificar, empiricamente, as relações com os aspectos teóricos abordados na presente dissertação, conforme procedimento metodológico adotado.

3.1. Evento Córrego Grande

O primeiro evento ocorreu em 14 de agosto de 2014 (conforme Figura 10.), foi organizado no ambiente virtual do *Facebook*, sendo que

o local urbano de encontro dos participantes foi no Elevado do CIC, especificamente, na esquina das ruas Trajano Margarina e Avenida da Saudade.

Figura 10. 14 de agosto de 2014. Trajeto Trindade- Córrego Grande.



Foto: Júlio Fernandes.

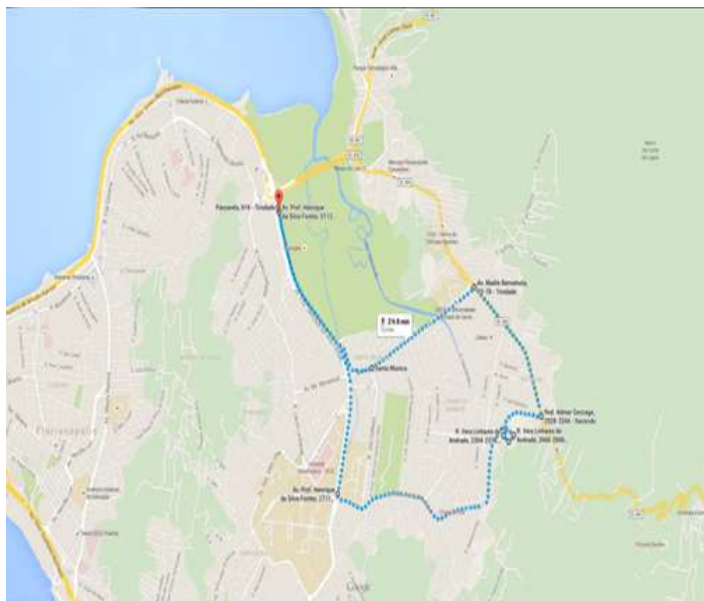
O percurso a ser utilizado pelos ciclistas foi determinado inicialmente no *site*, por um dos participantes.

Descreveremos a seguir: Entorno do elevado do CIC próximo ao Ciclo Bike Trindade, no horário das 20h, pedalando em direção ao bairro, via Avenida Professor Henrique da Silva Fontes, pela ciclovia, entrando no Bairro Santa Monica (Avenida Madre Benvenuta), indo em direção à UDESC (Universidade Estadual de Santa Catarina), contornando no bairro Itacurubi (SC 404), pelo Bairro Germânia (Rua Vera Linhares de Andrade, Bairro Anchieta, Córrego Grande (Rua João Pio Duarte Silva) e retornando ao entorno do elevado do CIC.

O mapa a seguir, contempla o trajeto, possibilitando comprovar o uso de ciclovias, vias e praças na apropriação, sendo que este trajeto, é um dos mais bem equipados atualmente, no cenário urbano de Florianópolis.

Apesar disso, há discussões recorrentes nas redes sociais, em relação ao trecho cicloviário da Avenida Madre Benvenuta, conforme já mencionamos.

Imagem 11. Roteiro do pedal dia 14 de agosto de 2014.



Fonte: Google Earth (2015), adaptado pela autora.

O tempo aproximado do trajeto feito pelo grupo foi de três horas, sendo que o grupo parou em dois momentos para confraternização e para tirar fotos: na Praça Edson P. do Nascimento, conforme Imagem 12, e, no trajeto, ao lado de um prédio com pintura (Imagem 10) e no final, no ponto de chegada, no Ciclo Bike da Trindade.

Imagem 12. Praça Edson P. do Nascimento – Florianópolis.



Fonte: Google Earth (2015), adaptada pela autora.

Algumas pessoas postaram as fotos no *site*, outras conversaram, um casal comprou água em um bar próximo, dois jovens conversaram.

Três pessoas se conheciam anteriormente, de outros eventos, sendo que dois, eram um casal, os líderes.

Inicialmente, confirmaram-se 46 participantes e efetivamente 15 pessoas compareceram. Havia chovido durante à tarde e o tempo mostrava-se frio, em torno de 14 graus Celsius. Algumas pessoas comentaram que este poderia ter sido o motivo de desistências.

Algumas pessoas se conheciam de outros “pedais”, porém a maioria participava pela primeira vez, visto que o evento era para iniciantes. (O Grupo Pedal de Quintas estava promovendo este evento para os iniciantes, na segunda-feira, para que os novos membros pudessem apreender as técnicas de passeio em grupo, pois desejavam adquirir maior treinamento e técnica para participar do Pedal de Quintas, que exige mais esforço e velocidade).

O evento foi postado com dois dias de antecedência, aberto a qualquer pessoa interessada.

3.1.1. Análise do primeiro evento

Neste evento, as questões teóricas levantadas na presente dissertação foram comprovadas: encontro marcado nas redes sociais, ocupação e vivência nos espaços urbanos, mudanças sociais nos aspectos de relacionamentos e apropriação e vivência dos espaços públicos.

O encontro destas pessoas e a vivência urbana, se fez, através do instrumento de comunicação, as redes sociais, especificamente, o Facebook. As redes, desta forma, cumpriram o papel de aglutinadoras de pessoas, em um mesmo interesse, promovendo o encontro e a vivência urbana.

Estas pessoas se encontram de forma aleatória, sem conhecimento anterior, porém com os mesmos interesses e objetivos. O contato entre elas, se dá, no primeiro momento, no local determinado. Percebe-se que alguns vínculos são feitos e outros não, o que hipoteticamente depende de empatia, ou vieses que não fazem parte do interesse desta dissertação. Percebe-se que vínculos a médio e longo prazo são estabelecidos, pois alguns dos participantes já haviam se encontrado em vários “pedais”, e conversavam entre si a este respeito. Outros vínculos são transitórios, comprovado pelo fato de que na repetição do evento, na segunda-feira seguinte, somente cinco das pessoas do evento analisado participaram novamente. Não houve novas marcações no Facebook, para esse grupo.

A praça, local de vivência ao longo do percurso, estava escura, com alguns bancos, sem que nenhuma pessoa fora do grupo de ciclistas estivesse no local, o que podemos supor, que neste dia e neste horário, a apropriação deste espaço público, se deveu exclusivamente ao grupo de “pedal”.

A princípio, o grupo somente iria fazer está parada, na praça, mas com a observação de alguns em relação à pintura exposta em um prédio, houve interesse em comum de tirarem uma foto naquele local (Figura 10), ou seja, algo inusitado, artístico chamou a atenção do grupo. As fotos feitas na praça não foram postadas no *Facebook*, somente a foto da pintura artística do prédio. A foto foi comentada nas redes positivamente, pelo aspecto plástico e decorativo que poucas pessoas conheciam.

O espaço virtual foi o meio organizador desta vivência. A permanência nos espaços públicos foi relativamente curta, sendo que, avaliamos ser consequência do frio, horário da noite e objetivo de finalizar o “pedal”.

Nenhum membro sentou nos bancos da praça, supõem-se devido estarem molhados devido à chuva do dia. A chuva é um frequentemente um fenômeno impeditivo aos “pedais” e se mostrou um aspecto recorrente em nossa pesquisa.

Supõem-se que a apropriação destes dois espaços urbanos de parada se deveu ao fato de ser em grupo, por se tratar de um espaço com pouco comércio em seu entorno e pouco movimento de carros e pessoas, pois foi comentado que sozinho, nenhum indivíduo se ariscaria a permanecer nesses locais, pois seria inviável naquele horário. Não havia qualquer outro ciclista ou pessoa nos locais. O aspecto degradado e escuro da praça, inviabiliza o desejo de vivência.

Além da questão do grupo e do desejo de relacionamento, a aspiração por exercícios físicos, e a aventura urbana são aspectos que também devem ser levados em conta, ou seja, uma nova maneira de se exercitar e de conviver.

O evento neste dia da semana (segunda-feira) foi proposto pelo grupo ‘Pedal de Quintas’ como modalidade de permitir e promover que pessoas iniciantes se integrem ao grupo de quintas, facilitando assim, aprendizagens e convívios, bem como preparação física para “pedais” mais intensos.

A maioria dos participantes iniciantes possuía dificuldades ou medo em transitar pelas vias urbanas, sendo que monitores acompanharam todo o percurso, no pelotão da frente e no final. Por vários momentos o grupo parou, esperando os retardatários. Duas pessoas tiveram dificuldades nas ruas com elevação mais acentuada. Os monitores ensinaram algumas “dicas” de segurança, tais como sinalizar com a mão, quando se faz alguma manobra para a direita ou esquerda, bem como manter-se na direita das vias, obedecendo às leis de trânsito. Procurou-se pontuar aspectos de mobilidade urbana, bem como, propiciar o melhor desenvolvimento das vias tanto para os ciclistas, como para os automóveis.

Este fato demonstra uma disposição de coletividade, suportando as individualidades que se manifestam (dificuldades), promovendo a adesão de novos participantes.

Aspectos desenvolvidos nesta dissertação, tais como apropriação dos espaços urbanos, ficaram bem evidenciadas, quando o grupo parou e confraternizou na Praça Edson P. do Nascimento e no final, no ponto de chegada, no Ciclo Bike da Trindade.

Como Borja (2006) e Madanipour (2003) propõe, são os relacionamentos e as vivências que definem o que é o espaço público, ao mesmo tempo em que, os espaços públicos são a expressão da sociedade

e de sua existência, e acima de tudo, sua vivência, e para entendê-los, é preciso compreender os relacionamentos, um dos componentes da vida urbana.

Questões apontadas por Harvey (2012) e Castells (2003) sobre a temática da facilitação e dos instrumentos tecnológicos de comunicação para os encontros urbanos, bem como, as discussões nas redes em relação às reivindicações e mudanças necessárias nos espaços urbanos, foram temas relacionados a este evento.

Também em relação às proposições de Augé (2012), no que confere às grandes transformações na sociedade contemporânea em relação ao tempo, ao espaço e ao indivíduo, inserem-se neste contexto. Evento no qual os participantes experimentaram uma vivência urbana fomentada pelas redes sociais, promovendo um encontro, especificamente, dirigido àqueles que possuíam dificuldades em participar do ‘grupo maior’ e mais ‘treinado nas práticas ciclísticas’, individualizando e contextualizando dificuldades de alguns, procurando inseri-los ao ‘grupo maior’.

3.2 Evento Morro da Cruz

Este evento ocorreu no dia 04 de fevereiro de 2015, às 20 horas, conforme Imagens 13, 14,15 e 16.

Imagem 13. Apropriação dos espaços públicos pelo grupo ‘Neste morro eu não morro’. Local: Morro da Cruz – Florianópolis, agosto 2014.



Foto de Fabrício Sousa.

Imagem 14. Grupo de pedal 'Neste morro eu não morro'. Local: Morro da Cruz – Florianópolis - 04/02/2015.



Foto: Felipe de Carvalho Costa.

Imagem 15. Pedal subida no Morro da Cruz. Mirante.



Foto: Felipe de Carvalho Costa.

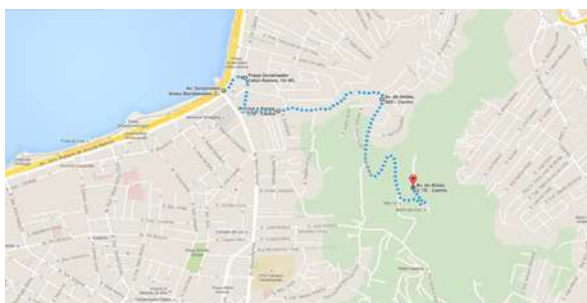
Imagem 16. Pique nique no Morro da Cruz: Pedal ‘Neste morro não morro’.



Foto: Felipe de Carvalho Costa.

Este grupo heterogêneo e aberto (acessível a qualquer usuário do Facebook), faz o percurso semanalmente de subida e descida do Morro da Cruz (Florianópolis) nas quartas-feiras, evento aberto à participação de quem desejar ir. O ponto inicial de encontro é o Heliporto da Avenida Beira Mar Norte, (Avenida Gov. Irineu Bornhausen), com saída pela Rua João de Carvalho, seguindo pela Rua do Antão, conforme imagem a seguir:

Imagem 17. Roteiro do Morro da Cruz, dia 04/02/ 2015.



Fonte: Google Earth (2015), adaptado pela autora.

As pessoas percorreram e pedalararam o trajeto conforme suas capacidades físicas e em vários momentos, o grupo se reorganizou,

aguardando os retardatários na retomada da subida. Geralmente, a subida é feita em uma hora, em média, sendo que participantes mais preparados fisicamente, fazem em 20 minutos e os iniciantes, em até duas horas.

Neste dia (04/02/2015), 28 pessoas participaram da subida, sendo que dois participantes o fizeram pela primeira vez.

Uma das características deste grupo é a assiduidade de membros que participam, bem como, das relações de amizade que os membros desenvolveram ao longo do tempo.

Neste evento, a maioria das participantes foram mulheres, o que mereceu uma comemoração. Quando chegaram ao topo, todos os participantes dividiram alimentos e bebidas trazidos em suas mochilas, característica deste “pedal”, especificamente, é o momento de confraternização denominado de pique nique no Mirante do Morro da Cruz.

Além de compartilharem os alimentos, as pessoas tiraram fotos, comemorando a subida, conversam mencionando as dificuldades e as belezas da paisagem. O grupo manteve-se unido neste evento em todo o percurso. Dois casais brindaram a chegada da mulher ao topo, pois elas faziam o trajeto pela primeira vez.

Um grupo de cinco homens comentou um assunto relacionado à mecânica de bicicletas, postado, posteriormente, no site. Um grupo de mulheres comentou as dificuldades da subida e tiraram várias fotos.

O espaço público utilizado, além das vias, foi o Mirante, no alto do morro, onde há um pequeno comércio e bar no seu entorno (Imagem 18). Em nenhum dos eventos nos quais a pesquisadora tenha participado, algum item foi comprado pelos ciclistas. Avaliou-se como sendo estabelecimentos que cobram preços altos. Algumas pessoas telefonaram e encomendando pizzas, refrigerantes e cervejas.

Algumas mesas e bancos de alvenaria estão distribuídas no local, com pouca luz e normalmente, neste horário (à noite), não frequentado por outros usuários. O local é um ponto turístico, ideal para ter uma visão panorâmica da cidade e da paisagem urbana, conforme vemos na imagem 16.

Imagem 18. Mirante do Morro da Cruz.



Fonte: Google Earth, adaptado pela autora.

Outros ciclistas, que não participaram do “pedal” neste dia, também estavam no local, aguardando o grupo e tirando fotos.

O tempo de permanência e vivência do espaço público no Mirante, foi de três horas.

3.2.1 Análise do segundo evento

Neste grupo, percebeu-se amizades e relacionamentos mais antigos, pela forma como as pessoas se cumprimentaram no início do “pedal”, e maior tempo de confraternização, em comparação com o evento anterior e demais eventos analisados na pesquisa.

A paisagem e o compartilhamento dos alimentos mostrou ser os atrativos para esta maior permanência, bem como, os vínculos estabelecidos há mais tempo entre seus membros. Conversas, risadas, momentos de tirar fotos, e a alimentação em si, demonstraram a vontade do grupo de permanecer o maior tempo possível neste espaço público, mesmo sendo em um dia da semana, no horário noturno. O esforço físico da subida é um fator também a ser considerado, pois requer maior tempo de permanência para o descanso, porém também se observou, vínculos afetivos anteriores ao evento, entre os membros. Bancos e mesas são mobiliários urbanos demandados por este grupo, para compartilharem a refeição.

Este encontro não possui o aspecto transitório, mas sim, de encontro marcado para vivência e relacionamento.

As pessoas demonstraram afetividade e assiduidade na sua participação, bem como, uma renovada contemplação à paisagem urbana, nos eventos subsequentes.

O grupo permaneceu no Mirante e depois, fez o trajeto de descida, em conjunto. Ao chegarem ao local de partida inicial, na Beira Mar, o grupo se desfez, sendo considerado finalizado o evento.

Alguns fatores muito interessantes foram observados neste grupo, nas diversas vezes que a pesquisadora participou: o grupo não possui uma liderança exclusiva. Alguns objetivos muito específicos motivam os participantes: treinamento aeróbico de subidas, aventura urbana e o encontro para o pique nique no Mirante.

As fotos nas redes sociais, são em maior número do que, comparativamente, dos outros “pedais” e considera-se que o esforço físico de subida, seja um dos aspectos relevantes para esta diferenciação.

Apesar de alguns participantes deste grupo não comparecerem ao especificamente ao exercício físico do “pedal” no dia cito, encontraram-se com o grupo no Mirante, para o encontro social e a vivência do pique nique.

As questões apontadas por Castells (2013) afirmando que as redes sociais são espaços de autonomia, sem nenhum vínculo corporativo, econômico, político se mostram muito evidenciadas neste evento.

O grupo, ao alcançar o topo, no Mirante, vivencia o espaço, tirando fotos e observando a paisagem e se relacionando de fato.

Vínculos foram construídos por e por causa deste evento, que é organizado e, de certa forma, mantido pelo *Facebook*, pois o relacionamento permanece, com as postagens de fotografias, recordações, comentários, reforçando os laços sociais estabelecidos.

A renovação dos espaços urbanos, apontada por Castells (2013) se insere neste evento.

Apesar do local ser de difícil acesso, em um horário (noite) que poucas pessoas se atreveriam a frequentar sozinhas, pela fama de perigoso, um grupo de ciclistas se apropria deste espaço todas as quartas-feiras à noite, de uma maneira que promove as interações sociais, demonstrando a criatividade e a plasticidade das vivências urbanas contemporâneas, através do uso dos meios de comunicação virtuais.

Ao chegar no local, não foi identificada a presença de qualquer outra pessoa, a não ser, os participantes do “pedal”. Supõe-se que, se não fosse este grupo, neste dia e horário, o espaço estaria vazio.

A forma participativa e coletiva que os integrantes se relacionaram, também se mostrou marcante neste evento, onde as questões individuais, como por exemplo dificuldade em subir, foram acompanhadas pelos demais e acima de tudo, respeitadas e incentivadas. Nenhuma pessoa ficou sozinha, nem mesmo os retardatários, pois uma ou duas pessoas acompanharam, as outras com mais dificuldades.

3.3 Evento Ribeirão da Ilha

O terceiro evento, realizou-se no dia 29 de janeiro de 2015. O evento foi realizado pelo grupo Pedal de Quinta, atualmente, com 1.025 membros inscritos (até 09/02/2015).

O trajeto percorrido pelo espaço urbano, conforme imagem 19, transcorreu da seguinte forma, após ser postado no Facebook:

Saída da Rua Trajano Margarida com esquina Avenida da Saudade (Trindade), acompanhando a ciclovia da Avenida Professor Henrique da Silva Fontes em direção à Rua Professora Maria Flora Pausewang (Hospital Universitário), contornando a Avenida Des. Vitor Lima, Rua Capitão Romualdo de Barros em direção à Beira Mar Sul, até chegar à Rua João Motta Espesimindo, continuando em direção ao sul. Na Avenida Pref. Waldemar Viera, indo de encontro à Rodovia Governador Aderbal Ramos da Silva pela ciclovia, percorrendo a SC 405, entrando na Rod. Aparício Ramos Cordeiro até a Rua José Olímpio da Silva, continuando pela Rodovia Açoriana, Rodovia Baldicero Filomeno até a Praça Hermínio Silva (Praia Ribeirão da Ilha). O trajeto de volta, foi o inverso da ida.

Imagem 19. Roteiro do terceiro evento, pedal para o Ribeirão da Ilha dia 29/01/2015.



Fonte: Google Earth (2015), adaptado pela autora.

O grupo fez três paradas na ida, para reagrupamento e espera dos retardatários. A primeira parada foi na Praça Martinho Lutero e depois, no Trevo da Seta (Rod. Gov. Aderbal Ramos da Silva), para reparação de um pneu que furou e outra parada na Praça Hermínio Silva no Ribeirão da Ilha, conforme imagem 18:

Imagem 20. Praça Hermínio Silva no Ribeirão da Ilha.



Fonte: Google Earth (2015), adaptado pela autora.

3.3.1 Análise do terceiro evento

3.3.1 Análise do terceiro evento

A parada na praça foi para tirar fotos em grupo, comprar bebidas, conversar e descansar.

Imagem 21. Praça Ribeirão da Ilha.



Fonte: Google Earth (2015), adaptado pela autora.

Todas as pessoas envolvidas conversaram com duas ou mais pessoas, enquanto tiravam fotos e bebiam. Algumas se sentaram na praça, outras nos muros e outras, ficaram de pé, conforme podemos comprovar nas Imagens 22 e 23.

Imagem 22. Ponto de encontro e saída para o pedal Trindade – Ribeirão da Ilha. Rua Trajano Margarida, 343.



Foto: Fabrício de Souza.

Imagem 23. Pedal de Quinta: Ribeirão da Ilha - 29/02/2015.



Foto: Fabrício Sousa

O retorno se fez embaixo de chuva e trovoadas, sendo que o grupo se desfez ao longo do trajeto final, onde se dissipou. Algumas pessoas retornaram ao ponto inicial.

Com 31 pessoas confirmadas, ao todo, 36 pessoas participaram do evento. Duas pessoas ‘novatas’ participaram neste “pedal”, considerado de nível médio pelos ciclistas, efetuando no total, 45 km, no tempo de três horas e 45 minutos, num percurso plano, sem elevação. As demais pessoas, já se conheciam. A cada semana, o ‘Pedal de Quinta’, grupo aberto no *Facebook*, promove um trajeto diferente, procurando desenvolver a vivência urbana, o conhecimento de centros históricos, em roteiros que privilegiam a ocupação dos espaços públicos da cidade.

Os locais escolhidos, geralmente, são lugares que oferecem uma infraestrutura básica tais como, banheiros, espaço público, comércio com oferta de refeições, não necessariamente uma praça ou parque, porém que de alguma forma, se destacam no cenário urbano.

A permanência nestes espaços nos dias da semana é de aproximadamente uma hora, porém nos finais de semana, pode ser de três ou quatro horas.

Este grupo possui uma característica muito interessante: todos os eventos marcados pelas redes sociais (*Facebook*) possuem um trajeto pré-determinado, tendo um ponto de vivência urbana muito bem definido, inicialmente. O evento é marcado nas redes sociais e percebe-se envolvimento das pessoas, com postagens, fotos, brincadeiras, além,

de marcarem eventos (podendo ou não ser “pedal”), em outros dias da semana.

Este grupo foi o mais estudado pela pesquisadora e percebeu-se vínculos afetivos que se formaram durante os “pedais”, entre as pessoas, bem como, o desejo de estarem juntos e vivenciarem os espaços urbanos, conversando, discutindo, dialogando no *Facebook*.

Neste contexto, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e das redes sociais, provocou mudanças nas relações estabelecidas no ambiente urbano, bem como a produção de novos escopos de espaços públicos, ágoras virtuais, promovendo aspectos intercambiáveis entre espaços privados e públicos no período contemporâneo.

O que se percebe, neste grupo, é que eles escolhem os trajetos e destinos, de forma que facilite tanto o desenvolvimento dos “pedais”, como a vivência e apropriação dos espaços públicos, os quais geralmente possuem a infraestrutura mencionada acima, independente do grau de dificuldade.

O grupo se adapta aos espaços oferecido pela cidade e, ao mesmo tempo, escolhe lugares que minimamente condizem, com as necessidades básicas do grupo, além de oferecer uma paisagem urbana de contemplação e admiração.

Os aspectos participativos deste grupo, nos remetem às questões apontadas por Arendt (2013), que indicam que as construções das realidades cotidianas se fazem através das vivências e práticas e, neste sentido, a realidade urbana conjuntural nada mais é do que aquilo que está sendo construído pela sociedade.

3.4 Fatores participativos dos grupos analisados

No intermédio desta pesquisa um fato recorrente acontecia em um dos espaços urbanos de Florianópolis: roubos seguidos aos ciclistas, num trecho específico da Avenida Beira Mar, nos entornos do Elevado do CIC, amplamente divulgado nas redes sociais e pela mídia. No transcorrer da semana, exigia-se policiamento ostensivo na área. A partir da criação de um evento denominado ‘Ciclo abraço pela Segurança’ (conforme Imagens 24 e 25) no dia 24/01/2015, houve resposta do Comando da Polícia Militar nas redes sociais e mídia, pressionado a colocar guarnições constantemente no local.

Imagem 24. Ciclo-abraço pela segurança, ocorrido em 24/01/2015.



Foto da autora.

Imagem 25. Ciclo-abraço pela segurança, elevado do CIC, Avenida Beira Mar, em 24/01/2015.



Foto: Luís Antônio Peters.

Além do aspecto de policiamento, os ciclistas também se mobilizaram politicamente nas redes sociais, procurando interferir neste assunto, divulgando imagens dos suspeitos, das bicicletas roubadas bem como, oferecendo companhia nos diferentes horários, para que os ciclistas não percorram sozinhos os pontos mais vulneráveis. Os resultados foram imediatos: os meliantes foram presos e algumas bicicletas recuperadas.

Todos os grupos de “pedal” de Florianópolis foram convidados, sendo que a Polícia Militar calculou em torno de 400 ciclistas, apesar do temporal e de muita chuva que ocorreu no momento do evento. Este acontecimento demonstra a capacidade aglutinadora que as redes sociais possuem em deflagrar políticas participativas, como mencionamos na discussão teórica, nas quais ferramentas de comunicação propiciam aspectos e desejos de mudanças.

O evento também nos remete aos pressupostos de Da Matta (1997) e Arendt (2013), que aponta que a questão privada interfere significativamente na questão pública, e como as redes sociais podem modificar a conjuntura atual das cidades, das questões compartilhadas e construções das representações sociais.

Além disso, é recorrente nos eventos e nas redes, a discussão da aplicação da Lei de trânsito, tanto por parte do ciclista, como dos indivíduos que trafegam com os automóveis, procurando desenvolver aspectos de cidadania e compartilhamento das vias. Nos casos das “bicicletadas” e “pedais” que estudamos, foi possível perceber os aspectos multiplicadores e os diferentes olhares aos novos espaços, introduzindo assim, disputas, conflitos e acima de tudo, provocando constantemente movimento das forças e atores que vivenciam os espaços urbanos.

De outro modo, podemos dizer que, os espaços urbanos na atualidade, são aquilo, que dia a dia, se faz, pelo uso e vivência, que, conforme se pode constatar na presente pesquisa, podem ser fomentados pelo uso das novas formas de comunicação virtual.

Neste contexto, o *Facebook* tem sido um *outdoor* diário destas inúmeras possibilidades, pois o indivíduo se apresenta na ‘vitrine’ dos sites de relacionamento com seu trabalho, suas preferências, propagando suas intenções e feitos. Tudo pode ser passível de um encontro entre interesses comuns ou mesmo, divergentes.

As apropriações dos espaços urbanos pelos grupos observados, são de caráter coletivo, ou seja, os indivíduos procuram o grupo, se inserem nele segundo seus interesses, para as vivências e, conforme Knox (1995, apud CUTHBERT, 2003), diferentes grupos produzem distintos significados aos espaços públicos que podem por si, receber múltiplas funções, conforme a construção social. Desta forma, a diferença de usos, ou não usos, que determinam os significados dos espaços, sendo que, neste sentido, quanto mais pessoas utilizarem os espaços públicos, mais significados os mesmos obterão.

Os pressupostos de Silva (2001) se inserem neste contexto, visto que a *internet* possibilita a criação de novos espaços antropológicos e a

comunicação instrumentada ou mediada pelas redes sociais, permite estes encontros e desenvolve vínculos e vivências.

No contexto dos ciclistas, eles utilizam as vias, as calçadas, as praças e reivindicam constantemente mais espaços: ciclovias e segurança.

Reclamam de assaltos, de roubos, de ‘fechadas’ no trânsito, de más administrações, reforçam ações positivas de políticas urbanas, e parecem estar conscientes ao reivindicarem para si um papel político na sociedade, pois consideram que além de contribuírem de forma efetiva para a mobilidade urbana, promovem a possibilidade diária individual e em grupo, da ‘aventura urbana’ em suas vidas. A coletividade neste sentido, possibilita que as pessoas transitem pelos espaços com maior segurança, podendo circular longas distâncias.

Estes atores também se mostram interessados nas políticas públicas urbanas, demonstrando consciência política no papel e na potencialidade de interferência dos indivíduos na sociedade. Os grupos sociais virtuais, na sua maioria, que promovem encontros nos espaços urbanos físicos, são engajados politicamente para reivindicar a promoção e melhoria dos espaços públicos da cidade, denotando consistir numa nova forma de mobilização social, que pode ser um instrumento de maior cuidado e análise das administrações urbanas.

Inúmeros eventos pesquisados nos sites do *Facebook* demonstram isso. Os eventos chamados de ‘movimentos sociais’, muitas vezes também começam ou são marcados no site e depois, se inserem nos espaços públicos (Castells, 2013).

O trânsito caótico, por outro lado, permite que uma modalidade se reinvente, resignifique as questões urbanas diariamente, e, acima de tudo, eventos compartilhados e comentados nas redes sociais, determinam a inserção do ator urbano ‘ciclista’, que se apresenta em um palco urbano, com cidadãos que comentam os seus feitos nas redes sociais. Aspecto que Castells (2013) considera ser o fomentador da sociedade urbana.

O cenário urbano de Florianópolis, com suas diferentes paisagens, vias, bairros, produz uma rica experiência urbana àqueles que desejam apropriar-se de seus espaços, conhecer pessoas, desenvolver relacionamentos e acima de tudo, vivenciar os espaços públicos em grupo.

Apesar da violência urbana, da insegurança, das dificuldades de deslocamento, fruto das mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas, os espaços públicos da atualidade podem ser ocupados de uma nova forma, em grupos, por exemplo.

Percebe-se que a sociedade encontra soluções e adaptações aos problemas característicos da vida urbana, tais como citados pelos autores como Sennet (1995) que trata da individualização, solidão e excessos, procurando novas formas de sociabilização, princípio fundamentado por Santos (1988), que conceitua os espaços urbanos em constante metamorfose, considerando a realidade relacional que se concretiza e realiza.

Os grupos de ciclistas efetivamente comprovam e promovem esta capacidade humana de se moldar e se modificar nas conjunturas atuais, buscando um sentido nas apropriações e vivências urbanas. O grupo faz o papel de proteção ao indivíduo, que deseja usufruir dos espaços públicos.

Por outro lado, a globalização que inseriu novas culturas aos cenários urbanos e provocou diferentes conhecimentos e influências e olhares ao contexto urbano, trouxe também a fragmentação urbana, conceitos estudados por Harvey (2004) e Santos (1988) causando a interferência, metamorfose e heterogeneidade urbana, causando mudanças. Estas mudanças acendem à plasticidade e resiliência social, como se demonstram as práticas dos ciclistas, contornando aspectos negativos da caótica vida urbana.

Não se pode negar os danos causados pelas transformações econômicas e a maneira significativa do crescimento das cidades, com seus territórios fragmentados, onde a individualização e a dispersão não se inserem na vida coletiva. Os fluxos urbanos desenharam novas formas de urbanidade, extensas e sem limites, mas se pode manter a sociedade conectada, na atualidade, por uma maneira comum de intercâmbio, nas redes de comunicação e informação.

Nunca antes, em toda a história humana, foi possível tamanha abrangência de conhecimento e encontro com a pluralidade e os diferentes, como na época pós-moderna, permitindo a construção de novos significados e interpretações da realidade, conforme o andamento dos processos contingenciais da vida urbana, promovido pelas tecnologias de comunicação.

Pode-se comprovar nos eventos estudados, o que Santos (2005), Jacob (2004) e Wilson e Kelling (1992) mencionam em relação aos espaços descuidados e abandonados, estão sujeitos à delinquência, enquanto que os cuidados e com maior presença de pessoas, coíbem tais fatos, bem como, a multifuncionalidade dos espaços é uma possibilidade real e efetiva de resistir aos processos da vida urbana atual.

Apesar de Sennet (1999) afirmar que os espaços urbanos passam por um processo de decadência e transição e que os espaços privados e

semiprivados adquiriram maior valor nas vivências na sociedade, durante os dois anos desta pesquisa e acompanhamento semanal dos grupos de ciclistas, observou-se a apropriação de espaços públicos, abertos e acessíveis aos ciclistas, da ilha de Santa Catarina, bem do Continente.

As características espaciais dos locais das paradas dos ciclistas, geralmente demarcam o limite de um ‘pedal’, ou seja, o ponto de fazer a volta e retornar ao ponto inicial. Nestes espaços, percebeu-se que algum componente físico como a paisagem ou implemento urbano move o grupo a parar e tirar fotos, que pode ser uma árvore antiga iluminada, uma praça, igrejas, mirantes, ponto turístico, ou seja, algo que seja de acordo comum, um marco significativo.

Florianópolis oferece neste contexto, inúmeros pontos e fatores, como por exemplo os fortes (sul e norte), as Igrejas centenárias (Santo Antônio de Lisboa), as praças das vilas antigas (Ribeirão da Ilha), as praias (Campeche, Ingleses, Morro das pedras, entre outras), a Ponte Hercílio Luz, as pedras do continente (Coqueiros), espetáculos da natureza ou equipamentos urbanos, que promovem estes marcos. Apesar do acesso a estes locais não ser servido de ciclovias, o ciclismo em grupo, demanda a ideia de segurança e possibilidade, trafegando por vias congestionadas em longos trechos.

4. Considerações finais

As cidades contemporâneas sem dúvida estão em constante processo de mudança, adaptações e transições na pós-modernidade.

O modo de vida urbano na atualidade, se diferencia da modernidade, sendo que a sociedade, a cultura, o modo econômico e suas conjecturas, também se modificaram, porém os valores e os paradigmas, parecem ser os mesmos.

Conceitos e modelos rígidos de urbanidade já não se inserem mais no contexto urbano, seja na arquitetura, relacionamentos e apropriação de espaços devido as mudanças constantes que se fazem de conhecimento, economia, tecnologia, comunicação, trabalho, lazer, e tantas outras questões que afetam a vida urbana.

Nesta dissertação, procurou-se elucidar as relações sociais, implicadas com a apropriação dos espaços urbanos, com o uso das redes sociais, ou seja, do benefício que as tecnologias de comunicação virtual propiciam, aos encontros e vivências urbanas, apesar da situação caótica urbana da atualidade, de problemas com a mobilidade e segurança, bem como, novas estruturas familiares e sociais.

Percebeu-se o desejo do encontro de pessoas com o mesmo interesse, porém com cultura, poder econômico e formas distintas de ser e de atuar na vida, o que de certa forma, mesmo que, em uma pequena amostra, denota mudanças positivas que desenvolvem a tolerância e aprendizado entre as pessoas.

O desejo e a necessidade de intercâmbio social se mostram vigente nestas novas práticas e os instrumentos como o *Facebook*, por exemplo, demonstra o interesse pelos relacionamentos e práticas de vivência e apropriação urbana.

Pode-se afirmar que as tecnologias de comunicação afetam o uso dos espaços urbanos e foi possível identificar novas características e mudanças sociais neste sentido. Uma grande variedade de grupos e interesses, com milhares de usuários, compartilha do espaço virtual das redes sociais, promovendo vivências e encontros urbanos.

No comparativo entre modernidade e pós-modernidade, podemos perceber, o quanto a sociedade se molda com os interesses capitalistas e o quanto as pessoas se adaptam às novas tecnologias, procurando espaços e segmentos urbanos, que permitem as vivências e os relacionamentos, apesar das dificuldades e cerceamento de liberdade que a urbanidade contemporânea impõe.

No contexto desta dissertação, investigou-se os fatores que contribuem efetivamente e significativamente para as mudanças, em especial o uso das tecnologias de comunicação, que permitem novas formas de relacionamentos sociais, aprendizados e construções de significados, de pessoas antes desconhecidas, que se encontram em *sites* de interesses e migram para os espaços urbanos em grupo. Estas pessoas desenvolvem vivências físico-espaciais e virtuais, produzindo trocas de experiências e novos relacionamentos.

Assim, por uma série de questões estudadas nesse trabalho, percebe-se que os espaços públicos são vivenciados de uma maneira distinta, adaptando-se à vida contemporânea e suas dificuldades. As relações sociais se modificaram, depois de transitar por um período de enfraquecimento, a ideia de comunidade, ainda frágil, segue por metamorfoses.

Novos 'lugares' e novas vivências estão sendo criadas, motivados pelos novos comportamentos da sociedade, desafiando os administradores urbanos a adaptarem-se às mudanças exigidas, fomentadas pela sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, S.; BORDINI, E. B. T.; DE LIMA, R. S. **O Adolescente e as mudanças na criminalidade urbana**. São Paulo em Perspectiva, 13(4) 1999.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da Supermodernidade. 9ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.
- ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- ASCHER, François. *Los nuevos principios del nuevo urbanismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. A Aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CARON, J.C. **Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do século XVIII – fim do século XIX)**. In: LEVI, G. e SCHIMITT, L. (org.). **História dos jovens**. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.
- CASTELLS, M. *La question urbaine*. Paris: Maspero, 1977.
- _____. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *The process of Urban Social Change*. In: CUTHBERG, A.R. *Designing Cities: critical Readings in Urban Design*. Blackwell Publisher Ltd., 2003.
- _____. **Redes de Indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. – 1 Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Larousse. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- COELHO, Teixeira. **Moderno pós-moderno**. São Paulo: Iluminuras Ltda., 2001.
- CUTHBERT, Alexander. *Designing Cities: critical readings in urban design*. First published 2003 by Blackwell Publishers Ltd.
- DANNA, M. F., e MATOS, M. A. (2006). **Aprendendo a observar**. São Paulo: Edicon.
- DELEUZE, Gilles. **O ato da criação**. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 de junho de 1999.
- _____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- _____. **Diferença e repetição**. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.
- DESSEN, M.A. e MURTA, S.G, 1997. **A Metodologia observacional na pesquisa em Psicologia: uma visão crítica**. Cadernos de Psicologia, 1, p. 47-60.

- ENGELS, F. (1993) *The Condition of the Working Class in England*, ed.D. McLellan, first published in 1845. Oxford: Oxford University Press.
- FREUD, S. (1930) **O Mal estar das civilizações**. Obras Psicológicas Completas da Edição Standard. Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FOULCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, 1987.
- HARVEY, David. **O Pós Modernismo na cidade**: Arquitetura e Projeto Urbano. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 23 edições.
- HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JENCKS, Charles. (1984): *The language of post-modern architecture*. St. Martin' Press: Londres, 1992.
- KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- KEINERT, Fábio Cardoso. **A questão do social em Hannah Arendt**. Teoria & Pesquisa. Vol. XVI – nº 01 - jan. /jun. de 2007.
- KOLB, Lawrence. **Psiquiatria clínica**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1977.
- LACAN, Jacques. **A tópica do imaginário**. In: LACAN, Jacques. O seminário-livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. Cap.2, p.87-186.
- _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Capítulo IV, p. 238-323.
- _____. **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose**. In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Cap.V, p.537-590.
- LAMAS, J.M.R.G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, s/d.
- LAVALLE, Adrián Gurza. **As dimensões constitutivas do espaço público**: Uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria. Espaço & Debates, São Paulo, n 46, p. 33-44 – jan/jul 2005.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- LYOTARD, J.F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- MARICATO, Ermínia. **É a questão urbana, estúpido!** In: Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARX, K. (1967) **Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

MENDONÇA, Eneide Maria Souza. **Apropriação dos espaços públicos**: alguns conceitos. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, v.7, n.2, p. 296-306, agosto 2007.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **Movimentos Sociais como acontecimentos**: linguagem e espaço público. Revista de Cultura e de Política Lua Nova: São Paulo, 72:115-142. 2007.

MOGIN, Oliver. **A condição urbana**: a cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (Org.) **Cidades**: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ROBA, Fabio; MACEDO, Sílvio Soares. **Praças brasileiras**. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2003.

PERLS, F.S. e outros. **Isto é Gestalt**. São Paulo: Summus, 1977.

PERROT, M. **A juventude operária da oficina à fábrica**. In: LEVY, Giovanni; SCHIMITT, J.C. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel. **A concepção das cidades em diferentes matrizes teóricas das Ciências Sociais**. Revista Rio de Janeiro nº9. P. 91-99. Jan/abril 2003.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. Hucitec, São Paulo: 1988.

_____. **O retorno do território**. Em: OSAL: Observatório Social de América Latina. Ano 6 nº 16 (jun.2005) Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. Tradução: Antônio Chelini et al. 25ª edição. São Paulo: Cultrix, 1996.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Lúcia Oliveira. **A internet**: a geração de um novo espaço antropológico. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (org.) Janelas do ciberespaço: Comunicação e Cibercultura. 2ª ed. Porto Alegre: Sulinas, 2001.

SITTE, Camilo. *Der Städtebau nach seinen künstlerischen Grundsätzen*. 1ª ed. 1889. (Título original) Série temas. Volume 26. Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Editora ática, 1992.

SOLA-MORALES, Manoel de. *Las formas de Crecimiento Urbano*. Barcelona, Edicions UPC, 1993.

SPIRN, Anne Whiston. **O Jardim de granito: a natureza do desenho da cidade**. São Paulo: EDUSP, 1995.

SCHIMITT, L. (org.). **História dos jovens**. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

_____. *“Les échanges à l’intérieur de la famille. Approche historique”*. In: SINGLY, F. de (org.). *La famille. État des savoirs*. Paris, La Découverte, 1997.

TURKIENICZ, Benamy e outros. **As dimensões morfológicas do processo de urbanização: uma possível e necessária metodologia de pesquisa**. In: TURKIENICZ, Benamy e MALTA, Mauricio (org.). *Desenho urbano: anais do II SEDUR-Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil*. Universidade de Brasília. Departamento de Arquitetura e Urbanismo: Universidade de Brasília. Decanato de Extensão, 1986.

REFERENCIAS ELETRONICAS

BORJA, Jordi. **Espaço público, condição da cidade democrática**. A criação de um lugar de intercâmbio. *Arquitextos*, São Paulo, ano 06, n. 072.03, Vitruvius, maio 2006. Acesso em 23 de maio de 2014. Disponível em

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/353>> .

Acesso em 23 de maio de 2014.

FRANCO, Marcelo Araújo. **Informática e poder: uma leitura de Foucault**. *Revista Infotec: Unicamp*. Jun./2000 Disponível em: <<http://www.ccuiec.unicamp.br/revista/infotec/educacao/educacao9-1.html>> Acesso em 10 de maio de 2015.

GEHL, Jan (2010). *Cities for People*. Washington – Cotovel – London: Island Press, ISBN: 978-1597265737 Disponível em: <<http://joss.bartlett.ucl.ac.uk/journal/index.php/joss/article/download/104/pdf>> Acesso em 25 de maio de 2015.

LIBERATO, Leo Vinicius. M. **Bicicleta e tempo de contestação**. Disponível em:

<http://www.helsinki.fi/aluejakulttuurintutkimus/tutkimus/xaman/articulos/2004_01/bicicleta_tempo_contestacao.pdf>. Acesso em 17/06/2014.

WILSON, JQ.; KELLING, G. *Broken Windows*. (1992) *The Atlantic Online | March 1982 | Broken Windows* | James Q. W...

<http://www.theatlantic.com/doc/print/198203/broken-windows>.

Disponível em:

<http://www.lantm.lth.se/fileadmin/fastighetsvetenskap/utbildning/Fastighetsvaerderingssystem/BrokenWindowTheory.pdf> > Acesso em 18 de maio de 2015.

FIGURA 1: Autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.historiadigital.org/curiosidades/10-curiosidades-sobre-as-cidades-medievais/>> Acesso em 06 de Maio de 2015.

Pagina 50. Autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.agenciars.com.br/blog/historia-do-facebook-mark-zuckerberg/2014>>. Google. Acesso em 06 de junho de 2014.

Imagem 6. Autor desconhecido. Praça de Tahrir. Disponível em : <https://www.google.com.br/search?q=pra%C3%A7a+tahrir&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=z2hHVdu3KM_IsQSFm4GQBQ&ved=0CAcQ_AUoAQ&biw=1305&bih=608#imgrc=0T8GutnwpLCrxM%253A%3BhCdmkkjIGiexWM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.rets.org.br%252Fsites%252Fdefault%252Ffiles%252Fsize_590_multidao-praca->tahrir.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.rets.org.br%252F%253Fq%253Dnode%252F918%3B590%3B443>. > Acesso 06 de maio de 2015.

Imagem 7. Autor desconhecido. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=junho+2013&biw=1305&bih=608&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=LmlHVeDNBY20sASBn4DADw&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAQ#tbm=isch&q=movimento+de+junho+d+e+2013>. > Acesso 06 de maio de 2015.